

CARTILHA EDUCAÇÃO PATRIMÔNIAL

ACARI, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO: PRESERVAR É PRECISO.



PREFEITURA DE
ACARI
GOVERNO DE TODOS

SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO, CULTURA
E ESPORTES



MUSEU
HISTÓRICO
DE ACARI
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO,
CULTURA E ESPORTES

Prefeitura Municipal de Acari

Prefeito Fernando Antônio Bezerra

Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes

Maria Suelly da Silva Medeiros

Coordenação de Cultura/Direção do Museu Histórico de Acari

Adriano Campelo da Silva

Realização

Prefeitura Municipal de Acari

Organização

Equipe do Museu Histórico de Acari

Acari, abril de 2023.

SUMÁRIO

Apresentação

Parte 1 – CONCEITOS

Educação Patrimonial

Monumento

Patrimônio Material

Patrimônio Imaterial

Patrimônio Natural

Tombamento

Meio Ambiente

Parte 2 – ORIGEM DO NOME DO MUNICÍPIO E PERÍODOS HISTÓRICOS

A origem do nome Acari

Acari Pré-Colonial

Acari Colonial

Acari Imperial

Acari Republicana

Parte 3 – PATRIMÔNIO MATERIAL DE ACARI

Igreja do Rosário

Casario Rural e Urbano

Mercado Público

Casa de Câmara e Cadeia

Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia

Cemitério São Vicente de Paula

Parte 4 – PATRIMÔNIO IMATERIAL DE ACARI

Gargalheiras

Festa de Nossa Senhora da Guia

Festa do Rosário

Gastronomia

Rezadeiras, Benzedeadas e Devoções

Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas

Coral Amália Rodrigues de Carvalho

Tradição do Vaqueiro

Artesanato

Parte 5 – PATRIMÔNIO NATURAL

Sítios Arqueológicos

Serra do Bico da Arara

Serra da Acauã

Pico Gargalheiras/Serra das Cruzes

Serra do Minador

Serra de Lagoa Seca

Serra do Pai Pedro

Serra da Timbaúba

Serra da Rajada

Parte 6 – GEOSÍTIOS DO GEOPARQUE SERIDÓ

Cruzeiro Acari

Poço do Arthur (do Arroz)

Açude Gargalheiras

Marmitas do Rio Carnaúba (Cai Peixe)

APRESENTAÇÃO

A cartilha de Educação Patrimonial do município de Acari é fruto do projeto “Educação Patrimonial – Acari, História e Patrimônio: Preservar é preciso”, desenvolvido e aplicado pelo Museu Histórico de Acari, por meio da Prefeitura municipal e Secretaria de Educação, Cultura e Esportes.

Durante os meses de março e abril de 2022 foram realizadas as primeiras ações do projeto com todas as turmas das escolas da Rede de Ensino Municipal e Estadual. Trabalhamos os conceitos relacionados ao patrimônio para que as crianças, adolescentes e adultos entendessem a parte teórica e conceitual, de forma que eles pudessem compreendê-los e a partir desse conhecimento possam enxergar o patrimônio com um olhar mais técnico e de valorização.

É de suma importância esse trabalho contínuo de conscientização junto às escolas, e o Museu Histórico de Acari se compromete em todos os anos desenvolver esse projeto junto com a Rede de Ensino Municipal e Estadual. Dessa forma, estaremos construindo um futuro de conhecimento, valorização e preservação do patrimônio material e imaterial de Acari.

Foi muito gratificante para toda a equipe o início e aplicação desse projeto, poder levar o conhecimento e fazer com que novas informações cheguem até estudantes e professores de diferentes idades, além de despertar neles o sentimento de pertencimento e valorização da nossa cultura.

Esta cartilha servirá de material auxiliar para os professores em sala de aula, podendo ser uma arma para desenvolver o conhecimento de nossa história, do nosso patrimônio e de nossa cultura.

Adriano Campelo da Silva

Coordenador de Cultura e Diretor do Museu Histórico de Acari

PARTE 1 – CONCEITOS

Educação Patrimonial:



(Foto: Vitoria Azevedo, 2020)

Educação Patrimonial no museu histórico de Acari (ofício do historiador).

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, no qual convivem diversas noções de patrimônio cultural.

Todas as vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial.

Texto adaptado disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343> acesso em março 2023 às 10h00

MONUMENTO:



**Casa de Câmara e Cadeia de Acari – MHA. Patrimônio histórico e artístico nacional.
Acervo do Museu Histórico de Acari.**

Um monumento é uma edificação ou sítio histórico de caráter exemplar, por seu significado na trajetória de vida de uma sociedade/comunidade e por suas características peculiares de forma, estilo e função. Existem monumentos construídos especialmente para celebrar ou relembrar algum episódio, momento ou personagem de nossa história, criados por arquitetos, escultores, artistas.

Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf acesso em março 2023 às 09h50

PATRIMÔNIO MATERIAL:



Igreja do Rosário de 1738. Patrimônio histórico e artístico nacional. Foto: Adriano Campelo, 2022.

O patrimônio material protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, que é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos.

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> acesso em março 2023 às 10h47

PATRIMÔNIO IMATERIAL:



Aula de campo sobre a história indígena de Acari - MHA.

Foto: Adriano Campelo, 2021.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

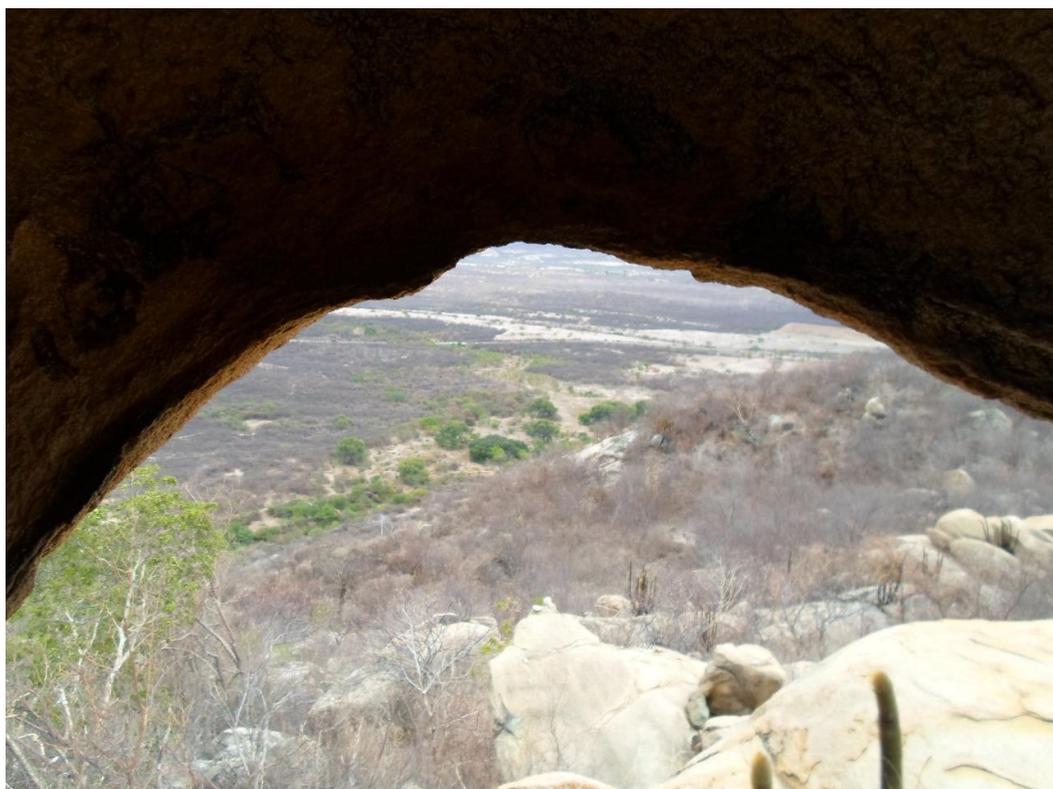
Nesses artigos da Constituição reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte

integrante de seu patrimônio cultural." Esta definição está de acordo com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> acesso em março 2023 às 08h00

PATRIMÔNIO NATURAL:



Pedra da concha, sítio Soledade.

Foto: Adriano Campelo, 2014.

O patrimônio natural compreende áreas de importância preservacionista, conservacionista e histórica, beleza cênica, áreas que transmitem à população a importância dos ambientes naturais, desde a disponibilização de recursos essenciais à vida (através de serviços ecossistêmicos), até atividades de lazer e turismo ecológico.

Patrimônio natural é formado por monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas, formações geológicas e fisiográficas, além de sítios naturais. Nele a proteção ao

ambiente, do patrimônio arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29> acesso em março 2023 às 09h05

TOMBAMENTO:



Janela de casa histórica Rua Juvenal Lamartine – Acari, (detalhe).

Foto: Adriano Campelo, 2022.

O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias.

Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/> acesso em março 2023 às 10h55

MEIO AMBIENTE:



Localidade Abreu (Pasto).

Foto: Adriano Campelo, 2019.

O conceito de meio ambiente, por seu turno, foi inserido em nossa ordem jurídica pela Lei Federal 6.938/1981.

A denominada Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, em seu art. 3º, I, conceituou meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”.

Como se observa, o conceito de meio ambiente é o mais amplo possível, “pois vai atingir tudo aquilo que permite a vida, que a abriga e rege”. Abarca ele, por conseguinte, vida humana, animal e vegetal.

Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/> acesso em fevereiro 2023 às 10h08

Parte 2 – ORIGEM DO NOME DO MUNICÍPIO E PERÍODOS HISTÓRICOS

A origem do nome Acari:

O poço do Acari, no Rio Acauã, mantinha água suficiente para a permanência dos acaris, peixe de escamas ásperas, de carne branca e saborosa. O nome do lugar nasceu destes pescados, dito no singular na voz popular.



Peixe acaris, popularmente conhecido como cascudo. Imagem da internet.

Por ter água o ano inteiro, era ponto de parada dos viajantes, que passavam pela região, o que provocou, em pouco tempo, a construção de palhoças.

O povoamento do município de Acari começou por palhoças levantadas pelos índios, escapados ao destroço da guerra geral do século XVII, mais ou menos, ao que reza a tradição, em 1729, no sítio ocupado, hoje, pela cidade. (LIMA, 1929.)

Acari Pré-Colonial

O local em que habitamos ao qual hoje chamamos de Acari, era habitado por grupos indígenas que perambulavam de forma nômade em busca de alimentos e água. A presença desses grupos é comprovada a partir de materiais encontrados em abrigos e a céu aberto, datados por meio do carbono 14, datações que podem chegar a 11 mil anos antes do presente.

Esses grupos falavam uma língua isolada, diferente dos grupos que habitavam outras áreas do Brasil. Locais, animais, plantas e outras inúmeras coisas tinham suas nomenclaturas, as quais foram perdidas. Ficaram poucos resquícios da linguagem desses grupos.



Sítio Arqueológico poço do Arthur 1 – paredão rochoso com gravuras rupestres de milhares de anos. Foto: Adriano Campelo, 2019.

O que realmente permanece até os dias atuais são resquícios da cultura desses povos originários. A alimentação é um desses costumes, o uso de plantas tanto para uso medicinal como para o cultivo, são coisas que permanecem vivas na nossa cultura, que passou de geração para geração.

Esses grupos tinham o domínio sob algumas ferramentas de pedra lascada e polida, das quais se utilizavam para atender as necessidades diárias de sobrevivência. “Inicialmente” a cerâmica pode ter sido utilizada muito mais para rituais do que para utilitários.

Estudos da arqueologia na área do Seridó Potiguar vem a cada ano nos trazendo respostas dessas populações, como viviam, caçavam, coziam, como utilizavam o seu ambiente para sobreviver.

Acari Colonial



Réplica de uma casa de taipa - MHA, primeiras moradias do sertão do Seridó.

Foto: Adriano Campelo, 2021.

Para melhor compreensão sobre Acari nesse período estaremos nos referindo ao século XVI, que marca a chegada dos portugueses à “terra brasilis”, expressão utilizada pelos europeus para denominar o Brasil como terra dos índios, o referido período colonial marca a experiência vivida do domínio português sobre o Brasil.

Naquele tempo depois de desalojarem os índios de suas terras, a coroa passou a distribuí-las entre seus beneficiários, eram as sesmarias, terras boas de pastos para o gado, e este interesse moveu Teodósia Leite de Oliveira, Teodósia dos Prazeres e Manuel Gonçalves Diniz que no ano de 1676 requereram data de sesmaria aos arredores do rio Acauã se instalando nesse território. Com o mesmo interesse chegam depois Nicolau Mendes da Cruz que fixou morada na fazenda Saco dos Pereiras em 1718.

Em 1720 o português Tomás de Araújo Pereira passou a ser dono da fazenda Picos de Baixo, com uma localização bem apropriada para manutenção do rebanho bovino ao lado do

rio Acauã. Muitos outros vieram em busca da atividade de criatório do gado, pois era um negócio rentável na época, toda a carne era vendida para a charqueadas em estados vizinhos. Assim a presença de homens interessados nesse negócio os chamados senhores fazendeiros, coronéis aqui instalaram suas casas de fazenda, muitas existentes até hoje no município.

Acari no período colonial era um lugar pequeno vivendo sob um modelo administrativo que recebia determinações da sede da província do Rio Grande, em Natal. No princípio a Vila do Acari era um distrito territorial abrangendo terras da comarca de Assu. No decorrer dos tempos foram acontecendo as separações das terras, assim o antes Sítio Acari alcançava corpo de Vila e posteriormente foi elevado a condição de município e cidade.

Depois da investida colonizadora contra os indígenas que aqui já viviam antes da chegada dos europeus, a vila passou a se revestir dos elementos que vinham atender ao modelo de poder da coroa portuguesa, era exigência que para um local atingir a categoria de vila necessário se fazia ter no espaço uma praça, uma capela e um paço municipal, este um prédio que servia para abrigar a sede do governo. Esse era o modelo de núcleo urbano vindo de Portugal e que deveria ser o desenho a ser seguido pelos povoados que tivessem a vontade de chegar ao patamar de Vila.

O Acari de 1720, como disse Jayme Santa Rosa em sua obra, já existia um pequeno aglomerado de casas a margem direita do rio que podia se considerar um povoado. Tal aglomerado aos arredores do conhecido Poço do Felipe e certamente alguns eram remanescentes dos povos indígenas desse território. No decorrer dos tempos casas foram sendo construídas, geralmente com alpendres aproveitando a ventilação sendo este um espaço de convivência da família e de receber as visitas, até nome a rua deu “rua dos Alpendres”, atualmente rua Tomás de Araújo.

Assim a antiga Vila do Acari foi ganhando projeção com a construção da primeira capela em 1738, em louvor a Nossa Senhora da Guia. Esta construção foi um feito de Manuel Esteves de Andrade que chegou aqui em Acari no ano de 1725, comprando do seu primo Nicolau Mendes da Cruz a fazenda Saco dos Pereiras. Ao considerar Manuel Esteves de Andrade o fundador de Acari relacionemos ao que foi dito antes sobre o modelo de vila estabelecido pelo poder colonizador ou seja fazendeiros, capitães e coronéis construíram as primeiras casas formando o embrionário aglomerado urbano do Acari, mas o que veio a prevalecer foi o critério religioso diante da referida exigência colonial de construção de uma capela em cada lugar que fosse constituído vila, assim Manuel Esteves de Andrade responsável pela construção da capela figura na história da então ainda Villa do Acary como seu fundador.

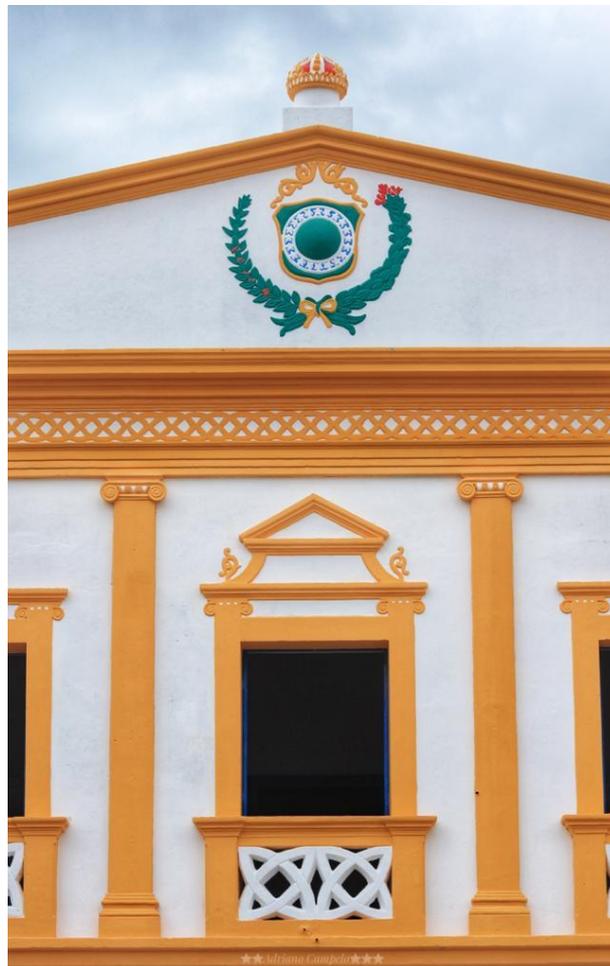
Texto de: Lúcia Araújo Dantas da Silva, Historiadora.

Referências:

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de: Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens / Helder Alexandre Medeiros de Macedo. – Natal, RN: EDUFRN, 2011.

SANTA ROSA, Jaime da Nóbrega. Acari: fundação, história e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974.

ACARI IMPERIAL:



Frontão da Casa de Câmara e Cadeia – MHA, em destaque os símbolos imperiais do Brasil.

Foto: Adriano Campelo, 2022.

Este foi um período em que os sinais de insatisfação a política colonial já eram evidentes em muitas partes do território brasileiro, e em 1822 acontece a emancipação política do Brasil em relação a Portugal, o conhecido 7 de setembro. Embora ainda pequeno o povoado do Acari começava a ganhar ou mesmo buscar atenção para seu território, quando Tomaz de Araújo Pereira foi nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Norte no ano de 1824.

Nos anos a seguir foram se dando acontecimentos que marcaram o processo de transformação urbana e política desse lugar. Em 11/04/1833 a Vila do Acari se desmembra do território da Vila do Príncipe, hoje Caicó. A partir de então o interesse de estender na Vila do Acari condições de autonomia e administrativas foram sendo construídas pelas autoridades e as próprias pessoas comuns do lugar.

O código de Postura foi uma dessas medidas administrativas, um tipo de lei municipal daquela época, criado aqui no tempo da Vila em 26 de fevereiro de 1834. Em 18 de abril de 1835, pela Lei número 16, numa Assembleia Provincial deu-se a criação oficial da Vila do Acari, acontecia assim oficialmente a emancipação política do município.

Em 24 de setembro de 1834 foi instalada a Câmara Municipal, o funcionamento da mesma facilitava as informações sobre rendimentos dentro do território da Vila, e o principal era a quantidade de abate do gado bovino. Sobre uma construção que se destacaria naquela época temos notícia da primeira Casa de Câmara e Cadeia em 1838, mas 22 anos depois a velha cadeia veio a tombar.

Assim foram se dando os acontecimentos e a organização da Vila do Acari, embora de um certo modo e em um tempo em que determinadas coisas demoravam muito para serem resolvidas, Acari era a partir de então o centro do respectivo território que o constituía. Vale ressaltar que nessa época muitas cidades que hoje são vizinhas de Acari, no passado eram pertencentes ao antigo território desse lugar, com o tempo também foram se desligando e ganharam sua autonomia. Entre estas cidades estão Jardim do Seridó, Cruzeta e Currais Novos.

Na Vila do Acari agora emancipada o cotidiano começava a tomar formas de uma vida na rua, onde já acontecia a feira semanal que a princípio era aos domingos, missas na capela, casas da rua tendo janelas e portas abertas por seus donos que só vinham aqui principalmente no dia da feira.

Texto de: Lúcia Araújo Dantas da Silva
Historiadora

Referências:

MACÊDO, Muirakytan K. de. **A Penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal; Campina Grande: EDUFRRN, 2002. VILLA DO ACARY. Livro de Atas da Câmara Municipal. Villa do Acary, 1833-1834.

ACARI REPUBLICANA:



Sobrado no centro histórico de Acari.

Foto: Adriano Campelo, 2018.

O Brasil chegava em 1889 a forma de governo republicana. Um momento que na região do Seridó não foi vivenciado com a mesma fervura dos centros maiores naquela época. Mais de qualquer modo o fim do regime da monarquia e o início da República trazia um contexto de modificações na estrutura política, dos lugares e conseqüentemente na vida das pessoas.

No Seridó o ideal republicano foi sendo divulgado pelos filhos de fazendeiros de gado e algodão que iam estudar direito no Recife. O Estado do Pernambucano foi palco de revoltas reclamando contra o poder da monarquia e a Província do Rio Grande do Norte por algumas vezes fez adesão a estes movimentos e Acari, por sua vez também aderiu a algumas revoltas nesse tempo anterior ao regime republicano. Podemos perceber com isso o processo político que desembocou na chamada República.

Em Acari a notícia da proclamação chegou com um pouco de atraso, no dia 17 de novembro, o chefe político local o coronel Silvino Bezerra foi chamado pelo governo da Província do Rio Grande do Norte para aderir ao regime, de volta a Acari o mesmo anunciou aos presentes a Proclamação da República, do alto da Intendência Municipal, onde hoje está instalado o Museu Histórico de Acari.

A República já encontrava a Vila do Acari com elementos urbanísticos inseridos em seu espaço seguindo a tendência de padronização das construções de acordo com o Código de Postura existente na época, que funcionava como uma lei que na realidade tratava de controlar a organização da vila não somente no que se referia as construções dos prédios, casas e alinhamento das ruas. Mas também muitas outras situações relacionada a limpeza geral e a saúde da população, essas eram exigências que estão escritas neste documento de Postura Municipal.

No início do período republicano a Vila do Acari era governada pelos Intendentes. Pela Lei Estadual de número 119 de 15 de agosto de 1898, Acari foi elevada ao patamar de cidade, sendo o Intendente na época o professor Manoel Augusto Bezerra de Araújo. Os chamados Prefeitos surgem na história política da cidade de Acari a partir do ano de 1929. Acari cidade seguiu na dinâmica de adequar a cada tempo as necessidades ou mesmo o anseio da população no que podemos pensar como objetivos para a qualidade de vida em um lugar ou mesmo numa cidade. Para tanto os feitos de construção da Barragem do Gargalheiras, Redes de Saneamento, Setores de Atendimento à Saúde, Municipal Clube de Acari, Praças, Escolas da Rede Municipal e Estadual, Palácios de Esportes e outros locais da cidade não são apenas construções, são espaços que pertencem a comunidade e que deles devem e podem usufruir de forma digna e respeitosa como cidadãos acarienses.

A história incipiente e rupestre de Acari, o gado, o algodão, a agricultura, as louças de barro nos remetem as nossas origens e aceitáveis diferenças que que contribuíram para alcançarmos ser cidade, um projeto construído por nossos descendentes e por nós que seguimos nessa estrada, gentes de todas as crenças e cores que usamos a cidade, e que também podemos contribuir para o seu desenvolvimento e condições satisfatórias de renda, moradia, emprego, saúde e educação para todos que vivem em Acari, Rio Grande do Norte.

Texto de: Lúcia Araújo Dantas da Silva
Historiadora

Referências:

MACÊDO, Muirakytan K. de. **A Penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal; Campina Grande: EDUFRN, 2002.

SILVA, Lúcia A. Dantas da. Museu Histórico de Acari. Jubileu de Prata 25 Anos. 1ª Edição, Agosto/2015- Acari- RN.

Parte 3 – PATRIMÔNIO MATERIAL DE ACARI

Igreja do Rosário:



Igreja do Rosário, tombada pelo IPHAN em 1964, um dos melhores exemplares do barroco do Rio Grande do Norte.

Foto: Adriano Campelo, 2021.

A Igreja do Rosário, uma edificação do século XVIII, teve sua construção iniciada por volta de 05 de maio de 1735, data considerada como fundação de Acari. É um símbolo de devoção e fé do povo acariense. Segundo a tradição oral e literária, esse foi o primeiro marco de Deus nestes sertões da Acauã. Sua construção se deve ao pedido feito ao Bispo de Olinda, Dom José Fialho pelo então Sargento Mor Manuel Esteve de Andrade no ano de 1737.

O que começou com uma capela sofreu várias modificações, no decorrer dos tempos, até se tornar a atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A maior de todas as modificações foi uma iniciativa do capelão Tomaz de Araújo Pereira, que mandou fazer os corredores laterais e o patamar e que durou quatro anos de 1836 a 1840. Sua edificação apresenta a simplicidade e

beleza da arquitetura barroca, revelando toda uma trajetória de sua história ao longo do tempo, como também os testemunhos da ação humana e do seu relacionamento com o divino.

Essa Igreja guarda toda uma história, nela foram sepultados os fundadores e os grandes patriarcas das antigas fazendas de criar gado que faziam parte do território do Acari antigo. Quando em março de 1835, a Freguesia de Acari foi elevada à categoria de Paróquia, a Igreja também foi consagrada à Matriz, funcionando até 1867. Essa foi desmembrada da Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana, em Caicó. Por ocasião da transladação da imagem primitiva de Nossa Senhora da Guia para a atual Basílica Menor, construída pelo padre Tomaz de Araújo Pereira, em 1863. O templo passou a devoção sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

Considerada patrimônio histórico cultural nacional foi tombada em 1964 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua edificação consta de capela-mor, nave e coro, possuindo piso revestido de tijoleira. No seu interior merece destaque as linhas simples, contrastando com o belo retábulo de madeira com fios de ouro, sendo trabalhado com volutas e concheados de influência barroca, com florais, cestarias e curvas. Seu acervo da arte sacro mesmo pequeno tem uma representatividade e é expressivo pela existência da imaginária barroca. Sua fachada principal é emoldurada por cunhais e cornijas, marcada pela simplicidade de suas linhas. Apresentando um frontão com características e traços barrocos, ornamentado com volutas e rosáceas, ladeado por dois coruchéus. Possui uma porta de entrada na frente e três portas de acesso nas laterais. Além de duas janelas no nível do coro, todas em vãos de arcos abatidos com cercaduras de massa. Uma escadaria de acesso valoriza a entrada da igreja.

Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Casario Rural e Urbano:



Casa sede da fazenda Sobradinho.

Foto: Adriano Campelo, 2019.

O patrimônio histórico cultural é diversificado. Nossa riqueza secular destaca-se pela marca deixada por nossos antepassados, em virtude das diversas construções, monumentos e expressões das nossas culturas existentes como: casario colonial rural, suntuosos sobrados, casario urbano, sede institucionais e, como forma maior de expressão, os templos religiosos.

Comumente, a tradição seridoense revela que as construções das casas-de-moradia eram bem servidas de enormes alpendres ou copiá. A atual Rua Tomaz de Araújo foi antigamente denominada por Rua dos Alpendres, devido às inúmeras construções de casa alpendradas edificadas ao poente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. O patriarca seridoense Thomaz de Araújo construiu a primeira casa-de-moradia, nas primeiras décadas do século XVIII, que resistiu até meados de 1908. Vários fazendeiros de projeção social construíram suas casas na cidade, porém não serviam de habitação normal; abriam suas portas e janelas largas apenas nos dias de missa, feira, festas religiosas ou de casamentos ocorridos na família. Essas casas representavam um símbolo de riqueza do fazendeiro, uma demonstração discreta de independência econômica.

A beleza de formas e a simplicidade nos estilos arquitetônicos que retratam nossa arquitetura secular é fortemente caracterizada pelos imponentes prédios seculares.



Casa em estilo colonial na rua Dr. José Augusto, centro histórico de Acari.

Foto: Adriano Campelo, 2018.

A Igreja do Rosário é a antiga Capela de Nossa Senhora da Guia, com características ornamentais que lembram o estilo barroco, em pleno século XVIII. Único templo religioso da região que apresenta seu retábulo policromado. Primeiro marco de fé construído nos sertões do Acauã. Por volta de 1737, o Sargento-Mor Manuel Esteves de Andrade requereu concessão para construir uma Capela na Ribeira da Acauã, sendo autorizada pela provisão do Bispo de Olinda Dom José Fialho. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1964.

Sobrado do Padre Modesto:



Primeiro sobrado construído em Acari, do padre José Modesto.

Foto: Adriano Campelo, 2023.

Centenário monumento edificado à Rua Tomaz de Araújo, apresentando uma singular forma arquitetônica, diferenciando-se dos diversos casarões que apresentam traços coloniais. Na época de sua construção, as casas de moradia apresentavam beirais em suas fachadas e empenas, nas laterais, especificamente no Seridó.

Foi o primeiro sobrado a ser construído na povoação do Acari. Considerando o inventário do Padre Modesto, a construção deste monumento é datada anterior a 1888, ano da morte do Padre. Posteriormente, o sobrado veio pertencer a Joaquim Servita e sua esposa Terezinha Servita. Hoje, encontra-se bem conservado com algumas modificações pertencente à família de Neônio Santos, este, considerado um dos maiores conhecedores que Acari já teve sobre a historicidade acariense.

Sobrado de Tomaz Rosendo:



Sobrado que pertenceu a Tomaz Rosendo.

Foto: Adriano Campelo, 2023.

O segundo mais antigo construído na povoação do Acari. Situado à Rua Dr. José Augusto, numa esquina em destaque. Tendo sido construído pelo fazendeiro, Antonio Bezerra de Albuquerque Galvão, o qual vendeu ao Cel. Joaquim Paulino de Medeiros (Quincó da Ramada). Seu posterior proprietário foi um dos mais expressivos fazendeiros do Acari conhecido por Tomaz Rosendo de Araújo, pertencendo hoje à sua Família. Sua construção apresenta características típicas das antigas construções, conservando-se sua forma original desde os tempos mais remotos.

Câmara Municipal de Acari:



Primeira casa de Acari (antiga casa dos padres) onde funcionou o primeiro grupo escolar. Atualmente Câmara Municipal. Foto: Adriano Campelo, 2023.

Antigo edifício que abrigava o Grupo Escolar Tomaz de Araújo, construído no início do século em 1908, de grande significado para o progresso de Acari. Foi a quarta instituição de ensino público no Estado e a segunda a ser construída no Seridó. Por ali passaram os mais ilustres filhos da terra, que se encontram espalhados pelo mundo inteiro, repassando os ensinamentos ali adquiridos.

Grupo Escolar Tomaz de Araújo



Grupo escolar Tomaz de Araújo, o segundo prédio (1942).

Fonte: <https://soamaps.com/country/BR/674808/escola-estadual-tomaz-de-araujo>

A Escola Estadual Tomaz de Araújo foi criada pelo decreto nº 123, de 13 de março de 1909, com a denominação Grupo Escolar Tomaz de Araújo, funcionando provisoriamente na antiga Casa dos Padres (atual Fórum Municipal). Ela foi reformada pelo esforço do comerciante acariense de ideias progressistas, Francisco Bezerra de Araújo Galvão, que além de conseguir contribuições valiosas para a realização desse objetivo, levantou empréstimo para terminar no mesmo ano a referida obra.

Em primeiro de agosto de 1942, na gestão do Prefeito Municipal Ângelo Pessoa Bezerra e do Interventor Federal Rafael Fernandes, foi inaugurada a atual edificação, ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Guia. Foi o primeiro educandário construído na cidade, o segundo do Seridó e o quarto mais antigo do Rio Grande do Norte. Como primeira diretora foi nomeada a professora Beatriz Mirtes de Araújo Bezerra, que exerceu o cargo no período de primeiro de agosto de 1942 a 31 de dezembro de 1950.

Foi um oportuno exercício de memória a escolha do patrono dessa instituição de ensino, prestando-se um tributo àquele que deu tudo de si pela província materna, o acariense Tomaz de Araújo Pereira. Grande vulto na história política do Seridó, foi nomeado pelo Imperador Dom Pedro I para governar o Estado, ocupando o cargo de Primeiro Presidente da Província do Rio Grande do Norte, no período de 05 de maio a 08 de setembro de 1824.

Texto de Francisca Izaura de Brito Barbosa – Livro: Acari, berço da cultura e religiosidade na saga de um povo hospitaleiro. SEBRAE, 2004.

A Vila Dona Mariana:



Vila Dona Mariana, antiga casa do Coronel Santa Rosa.

Foto: Adriano Campelo, 2023.

É uma das mais representativas construções seculares de Acari, que no passado pertenceu a Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa, homem de destaque social, político e econômico. Essa residência, situa-se à Rua da Matriz, sendo a sua estrutura primitiva modificada por Jaime da Nóbrega Santa Rosa, guardando as linhas do estilo colonial brasileiro. Colocou, outrossim, com destaque uma placa alusiva com a inscrição VILA DONA MARIANA, provavelmente em homenagem à sua genitora.

Convém salientar que essas habitações antigas se caracterizavam por serem bem construídas, com paredes resistentes de tijolo, madeiramento de lei, telhas coloniais longas e certa amplitude de acomodações. Algumas paredes chegam a medir 50cm a 1m de largura. Dentre esses monumentos históricos destacam-se a Igreja do Rosário e a Casa de Câmara e Cadeia. Pode-se evidenciar como os mais significativos em termos turísticos do Estado.

Antes que desapareçam é sempre necessário registrar ou falar sobre as Casas de Fazenda. Construções solitárias, expressivos exemplares, cada vez mais sólidos com o passar do tempo. E, o tempo se foi, mas o marco das casas de fazendas sempre permanece fazendo história de geração a geração. Afinal, eram construídas para durar por longos e distantes anos, muitas vezes chegando atingir cerca de cinco gerações de uma mesma família, sem que precisassem sofrer grandes alterações em sua estrutura arquitetônica.

Uma breve visão remete a construção dos currais ou caiçarinhas que separavam o gado na época da colonização. Logo, em seguida a instalação da casa da fazenda era urgente, onde a família colonizadora das terras desenvolveria o criatório do gado e outras atividades agrícolas. Isso nos meados do século XVIII toma mais vulto com a instalação da capela principal e logo depois, a instalação das fazendas de gado na Ribeira da Acauã.

O saber fazer dos grandes fazendeiros imprimiu sua marca na arquitetura seridoense. Recheada de simbolismos as construções da casa-grande de fazenda transcenderam as características formais, contribuindo para revelar fontes primárias, singulares e fidedignas do modo de vida da época. *Em Acari há certa homogeneidade nos padrões das casas-grandes de fazenda do século XIX. (...) Esses modelos, que se consagraram por todo o século XIX e início do século XX, formam as conhecidas casas de “telhado de arrasto”*. Os espaços domésticos e não domésticos, sejam internos e externos, são objetos de investigação de uma cultura que merece ser minuciosamente estudada e analisada, cabendo aos amantes da história desvendar o universo da vida privada seridoense.

Da casa de taipa aos grandes casarios arquitetônicos fazem-se necessários certos cuidados na escolha do local para a implantação da casa, do curral e de outras estruturas. Requisitos básicos eram exigidos como proximidades de curso d'água, boa visibilidade e fácil acesso. As casas de fazenda sempre atendiam um mesmo padrão, sendo instaladas com fachada principal voltada para o nascente, garantindo o lado da sombra, tornando-se um lugar com panorâmica agradável. Destaque para a arquitetura tradicional de Acari no Século XIX constitui o casario colonial das Fazendas Acauã, Boa Vista, Cacimba do Meio, Caiçarinha, Ingá, Garrotes, Imburanas, Pendanga, Pitombeira, Talhado, Fortaleza, Cel. Santa Rosa, Carnaubinha, Navio, Malhada Vermelha, Olho D'água do Bico, Maracujá, Saco dos Pereira, Sobradinho, Pinturas e tantas outras.

Recorrendo a Lamartine em linhas gerais as casas-grandes eram: *“Assentadas no alto para melhor aproveitar a frescura dos ventos e oferecer posição mais vantajosa... Era de construção sóbria, alpendrada, de duas águas e levantada com madeira, pedra, tijolo e telha da própria fazenda. Não oferecia a beleza artística dos casarões do açúcar... Nenhum enfeite transparecia de sua arquitetura e seu conforto maior parecia residir no frio das lajes do alpendre ou na carícia da rede armada no quarto do sótão”*.

Contudo, ainda se observa a existência de um acervo arquitetônico representativo na Ribeira da Acauã, com semelhanças e diferenças em seus espaços de vivência e ambiência. Assim sendo, a relevância da herança cultural das casas de fazendas remanescentes do século XIX contribui para o legado da preservação do patrimônio histórico e cultural do Seridó.

Mercado Público:



Mercado público municipal.

Foto: Adriano Campelo, 2023.

Por um longo período de sua existência o Mercado Público de Acari representou, por várias décadas, um centro aglutinador de relações sociais e culturais. O velho mercado é apresentado como espaço público, como um lugar de construção cultural, correlacionado com a construção social do sentimento de pertencimento comum e “sentido de lugar”.

Tal sentimento brota da convivência semanal entre produtores rurais, vaqueiros, matutos, tropeiros, trabalhadores, comerciantes e vendedores, feirantes, *etc.* Esse lugar contém trajetórias que não podem ser consideradas em uma história simples e linear, tendo em vista as possibilidades de adaptação de suas dinâmicas socioeconômicas de coexistência entre o tradicional, o arcaico e o moderno lado a lado.

Desde antigamente, sob sua forma elementar, o Mercado Público é considerado o espaço das feiras que ainda hoje existem sofrendo modificações ao longo dos anos, sendo realizadas aos domingos, aos sábados ou até mesmo na segunda-feira. Pelo menos vão vivendo e, em dias fixos, ante os nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros.

No entorno do Mercado Público, desde o largo da Praça Cel. Silvino Bezerra e ruas adjacentes abrigou por muito tempo a feira semanal, cabendo ao mercado uma extensão da feira semanal. Tudo eram quase iguais: algumas bancas, um toldo contra a chuva, um lugar numerado para cada vendedor, fixado de antemão, devidamente registrado e que é necessário pagar tributos ou impostos conforme as exigências das autoridades ou dos proprietários.

Segundo os registros em fotografias, o espaço para realização da feira semanal em Acari ocorria no largo da Igreja do Rosário e adjacências. O desenvolvimento do ciclo do gado e a implementação da economia local com a cultura do algodão possibilitou a ascensão da feira local contribuindo de vez para a construção de um edifício que abrigasse o Mercado Público. Na época da reestruturação da Vila do Acari, já na segunda metade do século XIX, por volta de 1865, deu-se a abertura do lugar onde hoje funciona o antigo mercado, o terreno foi desapropriado em função da necessidade de se construir naquele lugar uma edificação para funcionar o Mercado Público.

Só foi possível a construção da edificação devido à desapropriação e demolições de alguns prédios e residências que não tinham valor a considerar enquanto imóveis. O velho Mercado Público foi edificado enquanto monumento do Segundo Império, considerado o melhor do Seridó. Sob o comando o Cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão. Com a finalidade de abrigar o comércio de abastecimento da cidade foi construído com sete portas em arco possibilitando acessibilidade para o largo da atual praça Cel. Silvino Bezerra, providas de grades de ferro e com saneamento adequado, estima-se que sua construção foi estimada em mais de cinco contos de réis.

O monumento tem sua concepção arquitetônica voltada para o neoclassicismo atendendo as sugestões que se utiliza de novos materiais como ferro e cimento armado agregando mais dinamismo a sua estrutura. Essa edificação marca uma época que tinha como finalidade reviver fielmente os modelos antigos, mesmo fazendo uso de novos materiais e técnicas construtivas arrojadas naquele momento histórico.

O processo de reestruturação em sua estrutura veio agregar mais funcionalidade ao Mercado Público com práticas mais flexíveis, sugestivas e criativas. Atendendo as normativas e exigências da administração municipal o mercado possuía a forma de um quadrilátero e foi inaugurado somente com um pavimento. Adaptando-se ao crescimento da cidade e suas demandas, sofreu várias alterações ao longo do tempo. Dentre as quais a divisão de seu espaço.

O serviço de reestruturação coube ao então Prefeito Antonio Basílio de Araújo, que atuava como comerciante de tecidos e miudezas, considerado o proprietário da primeira farmácia de Acari, ao assumir a Intendência (1920-1928). Se estabeleceu um divisor na arquitetura, rasgando o prédio em duas edificações. Possibilitando à acessibilidade e mobilidade

para a Rua do Comércio (atual rua Juvenal Lamartine). Nessa mesma época foi executado o primeiro plano urbanístico de pavimentação do centro urbano de Acari, fazendo o calçamento da Praça do Mercado.

O movimento no Mercado de Acari, era tão intenso, que, em certos meses do ano, mais precisamente no tempo da seca, a Praça do Mercado tornava-se pequena para acomodar os animais. Era comum encontrar lotes de burros aguardando em ruas e becos próximos por sua vez de descarregar as mercadorias. Com isso, aumentava a arrecadação de impostos daquele espaço. A edificação ficou assim denominada como o Mercado da Carne, o prédio do lado norte, com duas portas. Já, o edifício na parte sul, com três portas, passou a comercializar produtos voltados para refeições, ocupações de oficinas, denominado “Mercado de Miudeza”.

Outra modificação em sua estrutura foi ocorrida em 1988, uma vez que o Mercado de Miudeza passou por alterações significativas na sua edificação. Por ocasião da administração municipal do Prefeito José Braz Filho, o Mercado de Miudeza foi totalmente descaracterizado na sua arquitetura original. Passando a funcionar em dois pavimentos distintos. Em suas instalações abrigou por um período a Biblioteca Pública Maria de Jesus Bezerra no pavilhão superior. Já no térreo deu espaço a funcionalidade da comercialização de alimentos ou tradicional “café” no mercado.

Na atualidade o Mercado da Carne foi desativado onde funcionava o Açougue Público José Severiano de Medeiros (Zeca Lucas), tornando-se possível na gestão atual do Prefeito Fernando Antonio Bezerra Fernandes a instalação do Centro de Artesanato Maria Concebida (Dona Tôta). O Mercado Público foi reinaugurado março de 2022 para abrigar a venda de produtos artesanais, de arte e culinária. Enquanto monumento passa a compor o patrimônio histórico e cultural, um bem cultural, que passou por um processo de restauração, agregando mais qualidade a sua estrutura e recuperando a concepção arquitetônica original.

Notadamente, o espaço do Mercado Público transcorreu por incontáveis processos de valoração social e de produção de significados e símbolos, as relações socioculturais fazem de alguns espaços um lugar de importância fundamental para a produção e reprodução de práticas sociais. Podemos compreender que o Mercado Público de Acari é um referencial na vida comunitária de população acariense de forma mais complexa do que unicamente através das relações de produção, compra e venda neles encontradas.

Assim, a compreensão e análise do Mercado Público de Acari, visto, historicamente como um espaço passível de intervenções sociais e políticas públicas, seria aqui relacionado não somente a fatores econômicos, mas como um lugar que simboliza a reprodução e construção de uma cultura popular local. Em que o costume de alimentar-se nesse lugar

simbolizaria diversificadas identidades intrínsecas aos frequentadores, como a regional, familiar, comunitária, rural/urbana, se inter-relacionando.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo

Casa de Câmara e Cadeia:



**Casa de Câmara e Cadeia (1887) – MHA, Patrimônio histórico e artístico nacional.
Restauração da pintura 2022.**

Foto: Adriano Campelo.

A Casa de Câmara e Cadeia merece maior destaque pela sua monumentalidade e feição sóbria e bem proporcionada, considerando-se o testemunho da simplicidade de expressão em termos arquitetônicos usuais do Brasil Imperial. O prédio, apesar de ser uma construção do período imperial, possui em sua fachada principal um frontão triangular com brasão no tímpano e pinhão no alto, elementos característicos da arquitetura do período colonial. Sua imponência se dá pelo fato de estar construída sobre um platô, mais elevado que o nível da rua.

Sua edificação é composta por dois pavimentos distintos onde funcionou no térreo a Cadeia e Delegacia de Polícia até o ano de 1986. No pavilhão superior teve inicialmente como funcionalidade a Intendência Municipal até 1890, o equivalente à Câmara Municipal. No decorrer de sua história também abrigou salão de dança, dramas, teatro e sala de cinema, espaço para votação, cartório, residência de soldados e delegados, sede da banda de música, escola de datilografia e biblioteca pública. Toda sua estrutura passou a abrigar em 1990 o Museu Histórico de Acari. Este funciona na Casa de Câmara e Cadeia, antiga intendência municipal, no século XIX, prédio este que serviu de palco para grandes eventos da sociedade local.

Considerado um os pontos históricos mais representativos do Estado do Rio Grande do Norte. Ao centro de seu telhado existia uma esfinge que lançava a lei áurea, mas muitos que por ali passavam não sabiam o verdadeiro significado da estátua, então em cerimônia rogavam preces ao santo desconhecido, e assim diziam “Ah! Seu eu soubesse”. Na tradição popular denominou-se de São Soubera. Nunca existiu de fato esse santo, mas certa vez, numa época invernososa, um raio de relâmpago destruiu o São Soubera, e assim ficou no imaginário cultural acariense a proteção ao santo que jamais existiu.

Um monumento secular esboçado nos rochedos dessa terra que desperta a curiosidade para a cultura latente dos acarienses e sua civilização antiquíssima. Enquanto patrimônio histórico e cultural brasileiro foi tombado em 16 de junho de 1964 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia:



Basílica menor de N. S. da Guia – 1863. Patrimônio cultural, histórico e religioso do Rio Grande do Norte.

Foto: Adriano Campelo, 2022.

Segundo os registros históricos mais antigos sobre essa igreja indicam que, no ano de 1853, a grande Matriz, hoje Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia, tornou-se um desejo a ser erguida na mesma colina onde se situa. Dão conta de que o benfeitor que construiu esse templo ficou sob a tutela do Padre Thomaz Pereira de Araújo, cujos restos mortais ali descansam. O local era privilegiado, por estar num ponto elevado bem perto do centro da povoação, a sua frente cortada por uma estrada que hoje é a rua Da Matriz. Juntamente com a capela, foi também erigido um cemitério, bem mais afastado com maior espaço para receber os mortos.

Na simbologia de sua devoção a imagem de Nossa Senhora da Guia tem seu atributo sendo representada assim: num dos braços ela segura o menino Jesus no colo. Na outra mão, ela carrega uma estrela, que representa a Estrela de Belém que guiou os Reis Magos até o menino Jesus. Essa estrela representa também a estrela que guia todos os homens até Deus. Este nome significa Condutora ou Guia. É importantíssimo destacar que Maria guiou Jesus em sua infância. Tempos depois, o culto a Nossa Senhora da Guia foi incorporado na Igreja Católica. O papel de Maria, Mãe de Jesus, na história da salvação. A mãe que conduz, que dirige, que mostra o caminho. A mãe que dá uma direção moral, intelectual, espiritual. A mãe cuja função

é acompanhar seus filhos, mostrando-lhes o caminho e as coisas importantes que vão encontrando.

A edificação em formato retangular. Com a fachada voltada para o poente tendo como fundo na nave central o Cristo e a sacristia no térreo. Apresenta na fachada duas torres, sendo uma a sineira do lado esquerdo. No térreo das torres consta uma porta falsa com verga em arco. Na nave central apresenta três portas rasgadas todas com verga e sobreverga curvas, percebe-se a presença de almofadas. O monumento foi construído de pedra, cal e tijolo, gastando-se cerca de 200 mil tijolos de adobes. Medindo 204 de comprimento, 87 de frente e 40 de altura, nas biqueiras. As torres medem 105 palmos de altura. Segundo Nestor Lima, a Igreja Matriz de Acari é a segunda maior em tamanho do Estado, medindo 44,37 m de comprimento por 19 de largura; existindo duas torres com três sinos e sete altares; dez tribunas e dez arcadas, pia batismal e duas capelas.

O frontão ondulado, levemente alteado do corpo principal da fachada por uma pequena base. Uma larga cimalha corre por toda a fachada, desde a torre, dividindo-a do frontão. Já a torre sineira à esquerda, também delimitada por pilastras, que se justapõem no encontro com a fachada, com janela na mesma altura do coro e de mesma feição, acima forte cimalha que percorre toda a fachada. A sineira propriamente dita apresenta terminação superior em arco pleno. A torre termina por uma balaustrada sendo coberta por uma cúpula octavada. A torre sineira, nos lembra as das primeiras igrejas jesuíticas brasileiras, e o próprio frontão ondulado. Ambas as torres possuem quatro coruchéus nos seus ângulos, tendo uma base octogonal que suporta uma cúpula de meia laranja encimada. No frontão uma cruz ao centro. A outra torre localiza-se o relógio e um óculos levemente ondulado.

Essa igreja, uma das mais singulares do Rio Grande do Norte com sua devoção dedicada a Nossa Senhora da Guia, é esse título que venera Maria enquanto padroeira dos acarienses. O templo possui seus elementos decorativos inteiramente talhados em pedra e tijolos – fachada, molduras das janelas, portais, e inclusive os altares. É a única igreja com características que envolve o ecletismo de estilos em sua arquitetura.

No interior da igreja seus altares também esculpido em pedra, dois altares laterais dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e Maria, duas colunas greco-romana sustentam o coro. Nas naves laterais várias tribunas rasgadas dão espaço para o corpo da igreja. Uma cúpula do lado direito apresenta o sacrário do Santíssimo Sacramento. Um altar no final. Do lado esquerdo um Memorial dedicado a Dom Eugênio de Araújo Sales e, um altar dedicado a Santa Terezinha. No final outro altar em forma de gruta dedicado à Nossa Senhora de Fátima.

História

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, localizada no centro de Acari, chama a atenção pela sua arquitetura neoclássica e seu tamanho. A história do templo e a devoção à Nossa Senhora da Guia remonta à década de 1720, início da colonização da Ribeira do Acauã que viria a ser a cidade de Acari. O Sgt-Mor Manuel Esteves de Andrade, que veio da Bahia ao Seridó por ordem do Império para recolhimento de impostos, desejava a presença da sua mãe nas terras potiguar, que exigiu a construção de uma capela em devoção à Nossa Senhora da Guia (Sua construção data de 1737). A freguesia foi criada em 1737, já a criação da Paróquia só se verificou por Lei nº 15 de 13 de maio de 1835.

Com o desenvolvimento do povoado e crescimento da cidade, o Padre Thomaz Pereira de Araújo, que era deputado provincial, juntamente com o Juiz de Direito da Comarca de Assu, a cuja jurisdição pertencia então o Termo de Acari, João Valentino Dantas Pinagé, observaram que a igreja (atual Igreja do Rosário, tombada pelo Iphan em 1964), já era pequena para comportar a quantidade de fiéis. Por volta de 1853, em correição pública, teve conhecimento de que as Irmandades do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Guia possuíam duas fazendas de gado, no valor aproximado de 12 contos de reis. Fez saber aos habitantes do município que, mais tarde, o Governo chamaria aos cofres públicos os bens pertencentes às Irmandades, e que, em visto disso, seria de comum acordo empregar os referidos bens na edificação de um novo templo religioso. Essa ideia foi acatada e bem aceita por todos os acarienses. E, resolveu-se construir a nova Matriz.

Por volta de 1856, iniciaram os serviços de fundação e alicerces, estabeleceu o contrato para construção do novo templo com Felix Lucio Dantas e o Tenente Manoel Jorge de Medeiros, Tabelião Público, toda a madeira da obra foi comprada a Manoel Antonio Dantas que foram postas ao pé da edificação. Já em agosto de 1857 se concretizou a bênção e lançada a primeira pedra da nova Matriz, pelo vigário e visitador de Caicó, o então Padre Manoel José Fernandes, coadjutor e substituto do Padre Francisco de Brito Guerra. Cujas cerimônia de inauguração compareceu o Padre Thomaz de Araújo Pereira, além de outros sacerdotes vindos de regiões vizinhas. Bem como, a participação de incalculável presença do povo acariense. Foram os padrinhos dessa solenidade os acarienses Tenente Coronel Manoel Gomes da Silva e o Capitão Cipriano Bezerra Galvão, ofertando cada um a importância de 100 mil réis. Ao passar dois dias, deu-se início à construção dos alicerces. Devido um surto de varíola que assolava a região, os trabalhos foram interrompidos.

Ao descortinar o dia 15 de maio de 1859, o Padre Thomaz Pereira de Araújo assinou o contrato particular com o mestre Clemente Gomes Pereira para pagamento dos custos de mão de obra orçado no valor de 12 contos de réis. Chegando ao final de 1859, os alicerces foram reconstruídos sob a responsabilidade do Cap. Manoel Francisco Dantas Correia. Estando tão somente coberta a capela-mor, aconteceu a primeira missa celebrada na nova igreja pela madrugada da Noite de Natal em 1862. O ato litúrgico teve o celebrante o Padre Thomaz Pereira de Araújo. Comparecendo grande multidão de fiéis.

Logo após, nova interrupção dos trabalhos assume a construção o Major Antonio Manoel Dantas Correia. Trabalhou-se diariamente até 1863, estava concluído os serviços do templo excluindo-se o patamar e o ladrilho que foram posteriormente construídos. De 1863 a 1864, os serviços deram a conclusão da obra fechando a estrutura, construíram dois altares, o altar do S.S. Sacramento e o do Bom Jesus. Sequenciando, com a pintura de 1865 a 1866.

Devido a grandiosidade do templo foram empregados entre os trabalhadores da obra cerca de 14 pedreiros, de 06 a 12 carpinteiros, auxiliaram 30 serventes. Todos os materiais conduzidos até o pé da obra foram transportados em lombos de animais. Cerca de 7 a 8 carros de bois transportaram a pedra e a madeira oriundas da Luísa (hoje São Vicente) e de Flores (hoje Florânia). Para tal serviço foram empregados 16 carros de boi, 32 juntas de bois e 38 serventes. Para o acabamento utilizaram a cal em pedra trazida da Acauã até o canteiro da obra em juntas de burro mulo.

Nos revela a história que ao término da construção da igreja, o valor gasto na construção do templo era o equivalente a 100 mil contos de réis, mais ou menos, sem contar ou incluir os 4 contos votados pela Assembleia Provincial, e 11 contos oriundos da venda das duas fazendas pertencentes ao patrimônio da Paróquia. Por volta de 1926, o relógio da nova Matriz instalado na torre direita, foi adquirido como uma doação de Cipriano Galvão e Francisco de Oliveira Gomes, do município de Currais Novos.

Ao término do novo templo religioso ocorreu a transladação da imagem primitiva de Nossa Senhora da Guia da Igreja de Senhora do Rosário para a majestosa Matriz de Nossa Senhora da Guia. Até hoje se houve falar na grandiosidade da solenidade de inauguração na manhã de 05 de agosto de 1867. Em procissão comandada pelo Vigário Colado Padre Thomaz Pereira de Araújo, compareceram além do Vigário de Natal, Padre Bartolomeu da Rocha Fagundes e seus auxiliares, bem como a presença de 19 sacerdotes. Uma multidão de fiéis invadiu as ruas da cidade em manifestação de devoção e fé a Excelsa Padroeira Nossa Senhora da Guia.

De Igreja Matriz à Basílica Menor

A Igreja de Nossa Senhora da Guia, principal templo religioso católico em Acari, Seridó potiguar, recebeu do Papa Francisco, líder da Igreja Católica, o título de Basílica Menor, tornando-se a primeira igreja do Rio Grande do Norte a ter este reconhecimento. A honraria foi concedida por meio de um decreto emitido pela Santa Sé, e leva em consideração a importância histórica, estilística, artística e arquitetônica da matriz de Acari, inaugurada em 1867, pelo Padre Thomaz Pereira de Araújo (1809-1893).

A igreja é a segunda paróquia mais antiga da Diocese de Caicó e uma das mais antigas do Rio Grande do Norte. Além desses fatores, foi nesta igreja que o cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales (1920-2012) recebeu o Sacramento do Batismo, há mais de cem anos. Ele foi sacerdote, bispo auxiliar, e administrador apostólico da Arquidiocese de Natal. Além de bispo primaz do Brasil em Salvador. Arcebispo Emérito de São Sebastião da Catedral do Rio de Janeiro onde repousam seus restos mortais. A Igreja de Nossa Senhora da Guia é a segunda maior paróquia da Diocese de Caicó. Festa da Padroeira reúne fiéis do Seridó.

Não se presta homenagem apenas aos acarienses ou potiguares, mas à pessoa do Sumo Pontífice, o Papa Francisco, e da Sé de Pedro que preside a catolicidade da Igreja de Cristo. A Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia significa para a vida dos acarienses um chamamento ao eterno, às realidades que não passam e à memória das gerações e gerações dos nossos venerados antepassados que nos transmitiram a fé e a devoção a Nossa Senhora da Guia. Seu filho ilustre Dom Eugênio de Araújo Sales sempre dizia: "Experimento sempre uma grande emoção ao entrar em Acari e ver o despontar das torres da Matriz de Nossa Senhora da Guia".

Uma Lei estadual reconhece a Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia como patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Norte. Construída em 1863, a Igreja de Nossa Senhora da Guia foi elevada em 2021 à condição de primeira Basílica do Rio Grande do Norte. O templo religioso é símbolo da devoção de fé dos seridoenses.

Sancionada a Lei Estadual que reconhece a Basílica Menor de Nossa Senhora da Guia, em Acari, no Seridó potiguar, como patrimônio cultural, histórico e religioso do Rio Grande do Norte. O reconhecimento à igreja construída em 1863 foi publicado na edição do Diário Oficial do Estado (DOE). Em março de 2021, o Papa Francisco elevou a então Igreja Matriz de Nossa da Guia à condição de Basílica Menor, a primeira do Rio Grande do Norte, em razão da história e da arquitetura da igreja. A solenidade para oficialização do reconhecimento aconteceu no Centro Pastoral de Acari, numa segunda-feira, dia 11 de abril de 2022, data em que o município comemorou 189 anos de emancipação política.

O decreto também foi apontado pelas autoridades como um reconhecimento a festa de Nossa Senhora da Guia, padroeira de Acari, que acontece tradicionalmente em agosto e atrai milhares de devotos locais e visitantes.

Segundo a tradição católica, por meio do documento *Domus Ecclesiae* (Casa da Igreja) da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, as basílicas são igrejas dotadas de especial importância para a vida litúrgica e pastoral de uma diocese e, por isso, possuem “um particular vínculo com a Igreja de Roma e com o Sumo Pontífice”. Para obter o título, a Igreja Matriz precisou passar por uma série de adaptações, que vão desde a adoção de elementos específicos para a celebração e desenvolvimento de atividades (altar, ambão, sede do celebrante, por exemplo), além de ter um centro de atividade litúrgica e pastoral para as celebrações da Santíssima Eucaristia, da Penitência e dos outros sacramentos.

Além de ser um reconhecimento de tudo que representamos, não só para o povo de Acari e do Seridó, pela sua antiguidade, beleza e devoção mariana, esse título impacta e proporciona uma nova missão. Uma basílica tem uma missão de conservar esse laço com a Santa Sé, mais estreito, além de ser um referencial de vida litúrgica para a Diocese de Caicó e também de ser mais fiel ao magistério dos Papas e de ser um coração pulsante de espiritualidade para o povo da região.

A denominação de Basílica Menor concedida pelo Papa Francisco deveria ter acontecido em novembro de 2020, ano em que Dom Eugênio de Araújo Sales, natural de Acari e batizado na Matriz, completaria 100 anos se estivesse vivo. Ele faleceu em 2012, no Rio de Janeiro, onde residia como arcebispo emérito. Tal homenagem é um reconhecimento da história arquitetônica da igreja e sua forte ligação com Dom Eugênio de Araújo Sales, um dos principais ícones do catolicismo no Rio Grande do Norte e no Brasil. A reforma foi todo um trabalho artístico na Igreja Matriz para melhorar o presbitério, mobiliado litúrgico.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo

Cemitério São Vicente de Paula:



Cemitério São Vicente de Paula (1856).

Foto: Adriano Campelo, 2023.

O cemitério é, antes de tudo, um espaço para perpetuar a lembrança, a recordação. É um campo da memória muito especial que nos remete a um dos estágios da vida, que é a morte. É importante que não esqueçamos disso. Além de seu valor monumental, histórico, cultural e artístico, ele tem valores simbólicos imateriais tão grandes quanto os materiais, é antes de tudo um patrimônio histórico-cultural que perpassa o tempo.

Desde os primórdios da origem do cemitério que remete ao período pré-histórico: escavações arqueológicas identificaram o hábito de cobrir os mortos com pedras ou enterrá-los já naquela época. Mas o costume tinha um sentido diferente: os corpos em decomposição atraíam animais, colocando a vida das demais pessoas em risco. Porém, destinar um local para o sepultamento é um costume que vem dos hebreus, conforme citam diversas fontes históricas, e que tomou forma com os cristãos, com a criação da catacumba em paredes de galerias subterrâneas.

A morte não é o fim, senão o princípio de tudo. Este mundo é um corredor que nos prepara para o mundo vindouro. Essa particularidade é encontrada na crença dos judeus. Eles supõem que as almas nobres, que cumpriram a maioria dos 613 mandamentos divinos, prosperam. As almas são eternas, porém precisam ser purificadas. Por isso, ao se passarem quatro gerações, retornam à terra, para cumprirem pendências ou castigos anteriores e, então, evoluírem. Primitivamente, herdou-se a tradição de que a morte é vista com tristeza, mas não com aflição. Assim, seus rituais

fúnebres incluem uma série de tradições, que existem para prestigiar o falecido e também para confortar a família. Outro aspecto a ser destacado está voltado para o luto da família do falecido, são considerados enlutados tão somente pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, esposo e esposa, familiares e amigos mais próximos.

Na Ribeira do Acauã existem enterramentos desde a pré-história, ainda merecendo estudos científicos para fins de comprovação dos vestígios fúnebres encontrados em urnas de cerâmica, precisamente na localidade Ingá. Devido ao aparecimento da cólera morbus que se espalhou por todo o mundo no século XIX surgiram locais de urgência para os enterramentos dos falecidos. Em Acari, até os dias de hoje se encontra localizado na Fazenda Ingá, nas adjacências do Bico da Arara, destinou-se um cemitério para tal fim. Nos dias atuais encontra-se abandonado com algumas marcações com pedras que identificavam as covas rasas dos falecidos daquela localidade.

Embora desativado desde os fins do século XIX, o cemitério ali existente guarda traços e formas que, apesar da ação natural do tempo, resistiram à virada de dois séculos. Antes de realizar os sepultamentos na antiga Capela de Nossa Senhora da Guia, hoje Igreja de Nossa Senhora do Rosário, os falecidos eram enterrados em cemitérios afastados. Na fazenda Picos de Cima, de propriedade do Cel. Caetano Dantas Corrêa, existia um cemitério não muito distante da casa grande da referida fazenda. Segundo a tradição, a devoção popular atribuída a determinado morto tem origem em algum suposto milagre ou na história de vida da pessoa. Alguns tipos de devoção, como o ato de levar velas para as almas, são muito antigos e ocorriam desde o tempo em que os sepultamentos eram nas igrejas. Por conta do sincretismo religioso, próprio do Brasil, pessoas que não tinham como fazer suas devoções acabavam encontrando outras entidades, santos correlatos, para manifestar sua fé em outros espaços.

O cemitério público é um símbolo do início do maior período de prosperidade econômica da cidade, coincidindo com o ciclo da do algodão nos fins do século XIX. O cemitério foi projetado pelo vigário, o Padre Thomaz Pereira de Araújo, sendo construído no espaço bem afastado da nova Matriz. O cemitério público São Vicente de Paulo, foi projetado pelo mestre de obras Clemente Gomes Pereira, em meados de 1860, encontrava-se todo murado em alvenaria de pedra e cal. Antes, era apenas cercado por uma cerca de ramos.

Seguindo os moldes dos cemitérios monumentais da época, com forte influência do período artístico do romantismo. Por sua localização central, é um local importantíssimo que, além de seu valor patrimonial, compõe a visualidade e a ambiência da cidade.

Antes da criação do cemitério construído na lateral esquerda da antiga Capela, os mortos eram enterrados no corpo da igreja de acordo com sua posição social. Muitos dos patriarcas e matriarcas que povoaram a Ribeira do Acauã desde o período da colonização, estão sepultados na nave central da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ao longo ao tempo, as Igrejas tornaram-se espaços para os enterramentos dos mortos, um templo do sagrado, os sepultamentos em igreja, a bem da verdade, permaneceram comuns até o século XIX. Registros históricos indicam que no Brasil eles ocorriam até o início do século XX). Esta era uma prática que, segundo a tradição católica, aproximava os falecidos aos santos. Além disso, ser sepultado no interior de uma igreja era sinal de prestígio.

Em Acari, quando da construção da primeira igreja, esta tornou-se logo do local destinado para o descanso eterno dos fiéis. No interior do templo que hoje é a Igreja do Rosário foram sepultados os primeiros moradores da terra, devidamente acomodados no recinto sagrado de acordo com a posição social do falecido. Tem-se notícia de um cemitério que fora construído ao lado da primitiva matriz e que posteriormente foi desativado para abrir o espaço lateral da igreja, viabilizando o tráfego de viajantes e transeuntes.

Em 1856, com o surgimento de uma epidemia da cólera morbus suspendeu-se a inumação de cadáveres no recinto da Igreja, já que a doença era bastante contagiosa. Por iniciativa do vigário, Padre Tomaz Pereira de Araújo, foi destinado um terreno, afastado da cidade, para servir de cemitério, sendo devidamente abençoado para poder acolher os despojos dos vitimados pela cólera: é o atual Cemitério Público São Vicente de Paulo. O espaço foi inicialmente delimitado por uma cerca de ramos. Em fevereiro de 1860 já estava cercado por um muro de pedra e cal, trabalho do mestre obreiro Clemente Gomes Pereira.

Em 10 de janeiro de 1893, a Intendência Municipal secularizou o cemitério, passando-o à tutela administrativa da cidade. Em abril de 1895 foi devolvido aos cuidados da Igreja e em 07 de janeiro de 1898 foi novamente secularizado pela Intendência Municipal. Atualmente, o espaço do cemitério é distribuído em 08 quadras principais, onde se harmonizam as covas rasas e os túmulos de alvenaria (mais antigos) e mármore ou granito (mais recentes). Ao fim da avenida principal uma pequena capela completa o conjunto da obra. O frontão do cemitério tem linhas simples e imita o frontispício de uma igreja, com um portão de ferro encimado por duas aberturas em forma de janela e uma cruz de madeira que predomina sobre a entrada.

Com a capacidade de construção de novas sepulturas esgotada, a Prefeitura Municipal construiu um novo cemitério, localizado no Bairro Petrópolis e que foi inaugurado em 1996. Ao longo de quase 150 anos o espaço do cemitério São Vicente de Paulo tem sido utilizado para sepultar ricos e pobres, gente anônima e célebre, igualando a todos os que são acolhidos pela

mesma terra e fazendo cumprir o veredicto divino sobre a finitude humana exposto na sagrada escritura: “És pó e ao pó retornarás” (Gen 3,19).

Parte 4 – PATRIMÔNIO IMATERIAL DE ACARI

Açude Gargalheiras:



Açude Gargalheiras. Patrimônio Cultural, histórico, geográfico, paisagístico, ambiental e turístico do Rio Grande do Norte. Foto: Adriano Campelo, 2021.

O Gigante Gargalheiras nasceu entre serras. A origem do seu nome significa gargalho, ou seja, garganta, abertura estreita, passagem estreita entre duas montanhas ou entre duas serras.

A ideia da construção de um Açude na garganta do Rio Acauã, já surge desde 1909, quando os primeiros estudos foram feitos para a construção da barragem que tinha como objetivo de acumular águas. A primeira planta topográfica do Gargalheira foi assinada pelo Engenheiro Ignácio Ayres de Souza, e visada pelo Engenheiro Benjamim Piquet Carneiro.

Em 1913 deu-se início as obras que ficaram a cargo da firma Saboia de Albuquerque, que em 1914 concluiu uma pequena barragem de alvenaria de pedra, cuja argamassa era composta de cal e óleo de baleia.

A obra ficou paralisada até 1921 e em 1922 foi entregue à firma inglesa Wangler Walker a qual construiu toda uma estrutura de apoio com grandes instalações, oficinas, residências para servidores, casa de hóspedes, pavilhões administrativos, etc., e em 1923 os ingleses abandonaram a obra sem nada terem feito da construção proposta da barragem.

Em 1950 sob a responsabilidade do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), uma nova tentativa é feita onde foram realizados vários reparos em parte das instalações, casa de hóspedes, construção de estradas, *etc.*

E em 1954 o presidente Café Filho criou os Grupamentos de Engenharia e os Batalhões de Construção, um deles em Caicó – RN. Foi esse batalhão que recebeu a missão de concluir Gargalheiras. Graças ao convênio firmado entre o 1º Grupamento de Engenharia e o DNOCS.

Em abril de 1955 chegou a Acari o Major Ary de Pinho o qual ficou à frente dos trabalhos os quais foram intensificados, iniciando com a destruição da antiga barragem feita em 1914, e a construção de outras obras que lhe dariam suporte, como a vila operária, a escola, o hospital, o posto médico e dentário, o clube recreativo e a capela religiosa em honra a Nossa Senhora de Lourdes, *etc.*

Foram recrutados muitos trabalhadores e em 29 de outubro de 1956 foi iniciada a concretagem da parede e concluída 20/10/1958. Sendo realizada a festa oficial de encerramento no dia 27 de abril de 1959 e com as chuvas de um bom inverno a primeira sangria ocorreu em 20 de março de 1960 quando o açude atingiu sua capacidade máxima de armazenamento 40 milhões de metros cúbicos.

O Gargalheiras ou oficialmente denominado de Açude Marechal Dutra é um dos principais cartões postais do Seridó. É a 3ª Maravilha do Rio Grande do Norte, título conquistado em eleição popular realizada através do Blog da jornalista Caicoense Suerda Medeiros é um atrativo turístico de rara beleza, e oferece opções de práticas de aventura como trilhas, escalada, trekking e rapel. E faz parte dos Goeparque Seridó.

Além de oferecer o abastecimento de água para as cidades de Acari e Currais Novos em seu entorno encontramos hotel, quiosques, balneários, restaurantes, e barracas onde serve comida regional e pratos derivados de peixes e camarões. Também tem lugares propícios para banho e casas de veraneios. Além da vila dos pescadores onde existe a comercialização do pescado. O povoado do Gargalheiras também sediou o torneio leiteiro e o moto fest, eventos que movimentavam com o calendário turístico da cidade do Acari.

Em 23 de Janeiro de 2023 o Açude Gargalheiras, por meio da lei – nº11.365 foi reconhecido como Patrimônio Cultural, histórico, geográfico, paisagístico, ambiental e turístico do Rio Grande do Norte.

Texto por: Maria das Vitórias Azevêdo Macedo
Historiadora pela UFRN.

Referências:

O GARGALHEIRA - Açude Marechal Dutra (Artigo de Jesus de Ritinha de Miúdo, escrito em 2008 para um trabalho da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da disciplina Geografia Aplicada ao Turismo, cumprida como complementar do Curso de Administração.

VITAL, Alani Oliveira. **Gargalheiras: cenário produtivo de transformações sociais**. Monografia (Especialização em História do Nordeste) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó. 2001.

Festa de Nossa Senhora da Guia:

Conhecida por ser “A festa de agosto”, como o acariense está acostumado a falar e festejar é o momento mais esperado do ano, no qual as famílias se reúnem para preparar os festejos, as casas são pintadas e arrumadas com enxovais e guarnições de festa para receber os visitantes, a comida se esmera na mesa.

É assim a festa, festa de agosto, festa de nossa Senhora da Guia que os católicos celebram com missas, novenas e procissão abrilhantadas pelo coral, grupo de canto e orquestra, além da Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas que todos os dias estão presentes com músicas nos atos religiosos e sociais e nos céus fogos de artifícios se misturam as estrelas do céu.



Momentos antes da saída da procissão de encerramento da festa.

Foto: Adriano Campelo, 2013.

Na parte social também ocorre feijoada, jantar, leilão e sorteio além de parque de diversões, barracas, músicas, festa na rua e em espaços particulares com bandas musicais, comidas e bebidas diversificadas. Sorvete, algodão doce, pipoca e brinquedos fazem a alegria da criançada.

Um belo momento da festa é a celebração do dia do agricultor, com a celebração da missa, cavalgada e caminhada do homem do campo pelas ruas da cidade agradecendo pelos dons da terra e os benefícios recebidos de tão amável mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A festa celebrada no período de 05 a 15 de agosto é considerada um momento marcante de fé e devoção e religiosidade do Acariense e dos devotos de Nossa Senhora, no qual multidvinda de muitos lugares se aglomeram, rezando, cantando e pagando promessas em procissão pelas ruas da cidade de Acari para fazer o percurso da procissão onde a majestosa imagem sai da suntuosa igreja em seu andor desde uma das maiores e belas festas segundo escritores e historiadores na data de 15 de agosto de 1867, quando da transladação da imagem de Nossa Senhora da Guia da antiga igreja, Igreja do Rosário, para a nova Matriz que em 19 de março de 2021 recebeu o título de Basílica Menor de Nossa Senhora Da Guia.

Texto por: Maria das Vitórias Azevêdo Macedo

Historiadora pela UFRN

Festa do Rosário:



Abertura da festa do rosário, com a presença do reinado da irmandade de Jardim do Seridó.

Foto: Adriano Campelo, 2022.

A festa do Rosário é uma tradição que ocorre na cidade de Acari, com eventos que marcam permanência e mudanças ao longo do tempo.

A igreja de Nossa Senhora do Rosário foi erigida por Manoel Esteves de Andrade com petição ao Bispo de Olinda Dom José Fialho em 1738.

A igreja passou por diversas reformas até ganhar foro de matriz. Até 1867 quando foi construída a nova matriz a imagem de nossa Senhora da Guia foi transladada em meio a uma grande festa que aconteceu no mês de agosto deste ano.

E com isso a antiga matriz recebeu a imagem de Nossa Senhora do Rosário como padroeira ocorrendo uma sensível participação dos negros nos eventos religiosos e sociais.

A irmandade dos negros do Rosário no Seridó tem um dos mais antigos registros, do ano de 1885 na cidade de Jardim do Seridó e abrangendo outras cidades do Seridó como Caicó e a própria Acari.

Como em outras irmandades negras, é realizada uma eleição anual para escolher o rei e a rainha do ano, o juiz e a juíza do ano, o escrivão, a escrivã, além do rei, da rainha, do juiz, da juíza perpétuos. Há também o porta-bandeira (bandeirista), que acompanha os dançarinos (lanceiros) comandados pelo capitão de lança, geralmente uma pessoa experiente. Finalmente, os caixeiros se juntam ao tocador de pífano, nem sempre presente. Essa hierarquia é cumprida rigorosamente para que os irmãos possam dançar juntos e a tradição seja seguida. (CAVIGNAC, 2008, p. 21)

A igreja do Rosário de Acari sofreu restaurações assim, como sua festa que ocorria no final do mês de dezembro coincidindo com as festividades natalinas e as expectativas do ano novo. A festa teve várias roupagens, desde sua parte religiosa, social e cultural.

A festa inicia-se com a procissão do estandarte de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas da cidade, com a participação da irmandade do Rosário de Jardim do Seridó, seguindo-se do hasteamento e missa. Segue noites de novenário até a missa solene, procissão e o arreamento do estandarte.

Como em todo período de festa as famílias se reúnem para as comemorações a mesa e na parte social destaca-se as atrações musicais. Em alguns momentos esses eventos costumavam ser abrilhantado pelo pastoril, barracas do vermelho e azul e suas rainhas.

Segundo moldes contemporâneos segue atrações musicais, sorteios, leilões, jantar e pavilhão. Mesmo sendo uma festa singela apresenta uma grande riqueza litúrgica.

Texto por: Maria das Vitórias Azevêdo Macedo
Historiadora pela UFRN

Gastronomia:



Sala da cozinha do queijo – Museu Histórico de Acari.

Foto: Adriano Campelo, 2022.

A cozinha muito nos revela sobre os aspectos sociais de determinada comunidade, isso contido no modo de fazer e nos ingredientes utilizados na preparação dos alimentos, assim também quanto a sua função nutritiva ou pelo simples desejo do paladar.

A gastronomia local vem de origem pecuarista da miscigenação do índio, negro e branco. Os povos indígenas se organizavam em pequenos grupos, distribuídos num espaço geográfico do qual delimitavam territórios de acordo com suas necessidades de mobilidade; essas estavam associadas às técnicas produtivas que conjugavam muitas atividades como agricultura, caça e pesca, coleta de frutos e outros recursos necessários tanto para a alimentação como para a produção de seus artefatos.

A agricultura foi fruto de um longo processo de domesticação de plantas selvagens. A mandioca representava cerca de 80% da alimentação indígena. Com ela era possível fazer diversos tipos de comida como beiju, mingaus e sopas. E uma bebida fermentada que consumiam ao longo do dia em lugar da água. E ainda a mandioca mansa (macaxeira) podia ser comida assada ou cozida. A farinha de mandioca é alimento muito presente na mesa dos brasileiros. É usada em pirões (farinha com caldo de carne ou peixe), farofas, paçoca, misturada

com feijão, podendo ainda ser consumida com rapadura e banana e, em algumas circunstâncias é consumida pura.

Além da mandioca, os indígenas cultivavam o milho, com o qual faziam mingaus, bolos, refrescos fermentados e sopas misturadas com mandioca, feijão, fava e peixe. O milho novo é consumido na forma de espiga assada.

Com a chegada dos portugueses, o modo de vida indígena sofreu grande mudança, como também sua alimentação. Os portugueses sentiram a necessidade de adentrar pelos sertões em busca de terras férteis e apropriadas para a pecuária. Devido a essa presença surgem vários pratos à base de carne de sol (charque), como por exemplo, a paçoca, que tem origem indígena e por muito tempo alimentou grupos guerreiros, passando depois a alimentar os viajantes.

Os negros foram trazidos para o Brasil no intuito de suprir a falta de mão-de-obra na lavoura e no engenho. No entanto no Seridó pouco se falou sobre o trabalho escravo, que na maioria dos relatos se faziam sobre o homem livre que cuidava do gado. Mas têm-se relatos de descendentes quilombolas que viviam nas cozinhas das grandes fazendas e que com as receitas oriundas de antepassados e a maneira pela qual temperavam e cozinhavam reuniam elementos culinários e pratos típicos portugueses e indígenas renovando sem dúvida as receitas originais e adaptando-as.

No contato entre senhores e escravos alguns caracteres culturais foram incorporados, principalmente na culinária. A dieta brasileira foi influenciada pelos africanos mediante a maneira de preparar e temperar os alimentos. A comida passou a receber influências de quem a manipulava.

Em meados do século XIX e início do século XX a alimentação diária do sertanejo era simples, e quase não se usava as hortaliças, e as frutas eram pouco diversificadas e dependia da safra. A alimentação nos dias normais consistia de quatro refeições: o café - servido entre quatro e cinco horas, o almoço – entre nove e dez horas, o jantar – entre duas e três horas e a ceia – às seis horas.

Se nos dias comuns as refeições eram simples, nas datas especiais havia esmero de comida em variedade e abundância. Assim era a gastronomia com os alimentos considerados de sustância, ou seja, alimentos fortes para as horas de labuta no campo ou com a lida de gado. Assim raças e cores influenciaram a gastronomia, onde elementos indígenas integraram se aos alimentos negros e ao modo de fazer do branco e que hoje compõe o cardápio típico do sertanejo como: a tapioca, o cuscuz, feijoada, o feijão verde, o arroz de leite, a paçoca, a buchada, a panelada, a galinha caipira, o filhós, o mel de rapadura, o bolo preto, grude, pé de moleque, e o furrumbá, que narram histórias de lutas e resistências da cultura e essa miscigenação na

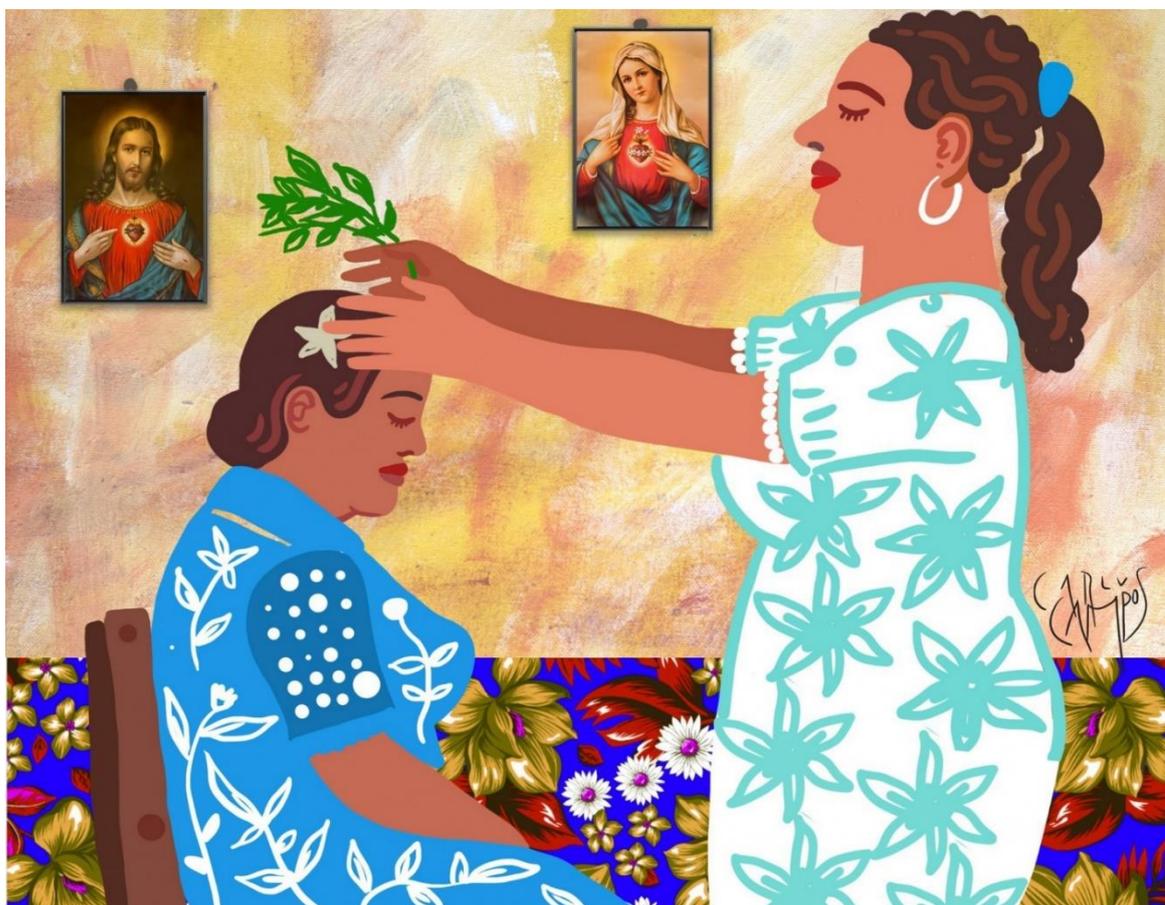
culinária implica numa multiplicidade de pratos típicos uma gastronomia cotidiana mais também festiva.

E com o passar do tempo outros ingredientes foram se agregando a mesa e assim a alimentação incorporou os produtos industrializados e os *fastfood*.

Texto por: Maria das Vitórias Azevêdo Macedo

Historiadora pela UFRN

Rezadeiras, Benzedeadas e Devoções:



Benzedeadas (pintura).

Fonte: <https://mais.opovo.com.br/columnistas/sergio-falcao/2021/10/27/benzedeadas-o-misticismo-fantastico-brasileiro.html>.

Quando se fala em benzedeadas, refere-se à cultura popular, se está entrando num universo de muito simbolismo e religiosidade. As benzedeadas são atores sociais muito importantes em nossa sociedade contemporânea, como já foram no passado.

Os saberes empíricos de um grupo são considerados como conhecimentos populares. Estes são necessários para que uma população restrita viva melhor, para amenizar suas dores físicas e espirituais. São adquiridos com muita empíria e passados de geração em geração. A presença de saberes populares, saberes não oficiais ou aqueles desconsiderados pelas elites, datam desde antes da criação do cristianismo.

Embora já havia habitantes nessas terras brasileiras, referências bibliográficas apontam que as orações pronunciadas são de origem portuguesa. Tais orações chegaram ao nosso território através dos europeus, sobretudo os portugueses, espanhóis, ingleses, franceses, holandeses, e africanos. Dessa pluralidade cultural de algumas nacionalidades é que surge o costume de benzer. Embora o território brasileiro já era habitado por uma civilização não europeia. De lá pra cá, muito conhecimento empírico foi criado nas comunidades tradicionais e nas comunidades, principalmente na rural. Um exemplo desse fenômeno é a presença das benzedeadas, rezadeiras, raizeiros, ervateiros, parteiras no meio urbano, curadores de rastro, *etc.*

As benzedeadas são pessoas que têm uma enorme ligação com a natureza e uma sensibilidade energética bastante grande. São pessoas com consistente fé no transcendental. Elas atuam num espaço de resistência e de representação em que podem ser consideradas como as curadoras de enfermidades físicas e espirituais. Seus gestos, objetos e rezas simbolizam toda sua magia para promover a melhora daqueles que as procuram. O sujeito agraciado com sua benção também é alguém com muita fé e confiança naquele ritual.

Afirmamos que elas levam “auxílio e alívio às pessoas necessitadas”, às pessoas que as procuram, geralmente são da mesma localidade. A fama de algumas é tão grande que recebem pessoas de outras regiões e até mesmo de estados diferentes. Espiritualidade, dinâmicas socioculturais e medicina popular se unem na expressão do ofício das benzedeadas, cujas mantêm viva a esperança de cura do corpo e da alma em suas comunidades de atuação. Munidas de toda sorte de folhas e ervas medicinais dos biomas regionais, junto a imagens de santos, rosários, oratórios e a palavras ditas por intercessão de Deus e do Espírito Santo, elas põem em prática conhecimentos que lhe foram recebidos por entidades espirituais e por tradição familiar ou sociocultural.

O cotidiano das rezadeiras se refere à prática da medicina popular, salientando a cura por meio da fé. Trata ainda de identificar, no ofício de benzer, algumas características e peculiaridades pertencentes a cada benzedeadas/rezadeira. As benzedeadas detêm um vasto conhecimento de orações e preces. Em sua maioria, apegam-se às imagens religiosas dos "catolicismos" popular e institucional. São exemplos: Jesus Cristo, Papa João Paulo II, São Jorge, Padre Cícero, Nossa Senhora Aparecida, Frei Damião, Santa Terezinha, Santa Luzia, Santo Onofre, Nossa Senhora da Guia, entres outros. Bem como na prática da cura se observa

as presenças de outros elementos tais quais uma diversidade de velas, ramos, terços e altares nas residências.

Dentre as doenças corriqueiras para as quais as benzedadeiras são consideradas especialistas, estão: espinhela caída ou peito aberto, mau olhado, ventre virado ou caído, dor de cabeça, "moleza" no corpo, indisposição, ferimentos, câncer, "resguardo quebrado", feridas na boca, contusões, difteria, entre outras. Quem é do interior, provavelmente, já ouviu essas expressões e, na sequência, um conselho: é melhor se benzer.

É importante ressaltar que no universo da cura, constata-se que a benzeção e a reza são práticas desenvolvidas, sobretudo, por mulheres: “A presença da mulher é marcante no mundo da credence e é ela, numa maioria quase absoluta, que conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal”.

A reza é um dos principais instrumentos para a cura dos enfermos segundo as benzedadeiras, ou seja, a força da palavra pronunciada distancia o mal que atua no indivíduo. Muitas vezes, as palavras que são ditas no decorrer da reza são irreconhecíveis, ora por serem desferidas em baixo tom, ora por serem apenas veículos da intenção da rezadeira, não importando tanto seu significado real.

Dado o exposto, optamos primordialmente por ressaltar a tradição cultural desse ofício nas figuras de Mariinha do Saco, Dona Maria Trajano, Maria Celsa, Maria das Moletas, Dona Joaquina, Dona Loló, Guiinha, Dona Maria de Zé Felipe, Chiquinha Ligeirinha, Seu Né, Seu Cícero Leite, Sebastião da Viúva e Maria de Macino, acarienses que ao longo da história praticaram o ofício de benzer através da herança cultural adquirida. A reza era proferida, em tom mais alto, ou tornando compreensível alguns trechos importantes da reza, a exemplo de Maria Celsa, que versa: “Deus é o Sol, Deus é a Lua, Deus é a claridade e Deus é as três pessoas da Santíssima Trindade”. Durante os benzimentos é costume rezar o Pai Nosso, Creio em Deus Pai, Ave Maira, Salve Rainha, A Estrela do Céu, os Sete Matrimônios, *etc.*

Além das orações mencionadas, pode-se também rezar o terço mediante necessidade apresentada pela situação, segundo os relatos de dona Maria de Seu Zé Felipe. Importante salientar que as rezas devem acontecer no período diurno devido a presença da luminosidade do sol. Apenas casos de urgência são exceções permitidas a serem realizadas após às 17h.

Durante o benzimento, vários gestos são realizados em frente ao enfermo. A maioria das benzedadeiras faz o sinal da cruz com o ramo empunhado, tocando, com ele, a pessoa que está sendo curada. Após a finalização da oração, é observado se o ramo veio à murchar, uma vez que isto é sinal de que havia a presença do chamado "mal-olhado". Na tradição se observa, que caso o ramallete venha a murchar, ao final da oração, quando tocar o lado direito do enfermo,

significa que o "mal-olhado" adveio de pessoa do sexo feminino; para o caso de murchar no lado esquerdo, adveio de pessoa do sexo masculino.

Há notadamente forte adoração aos (às) santos (as) do catolicismo popular. Através da fé e do intermédio do sagrado é que as mazelas humanas são curadas, segundo a crença popular, podendo, assim, então, alcançarmos o equilíbrio do corpo e da alma através da reza.

Citemos uma definição não pronta para benzedores que consiste em pessoas com a praticam da medicina popular vinculada à religião, ou seja: O benzedor (a) é o indivíduo que “trata”, “benze”, “cura”, esconjura, recorrendo essencialmente a um segredo que lhe foi legado por um parente, amigo, por meio de leitura ou aparição espiritual. Ele é, pois, um intermediário entre o homem e o sagrado, devendo conservar escrupulosamente esse ritual.

As rezadeiras, também conhecidas como benzedadeiras, possuem uma importante função na parcela da sociedade que mantém usos e costumes tradicionais: estabelecer relações com o sagrado. Essa tradição tem a oralidade como carro chefe. Detentoras de um grande saber religioso são capazes de, por meio das rezas e dos rituais, curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram. O ofício que exercem é transmitido de geração a geração, de maneira que a pessoa que aprendeu ou foi escolhida para exercer tal ofício também repassará, algum dia, seus saberes a seu sucessor ou sucessora.

A continuidade dessa expressão popular contribui para a preservação do patrimônio cultural, configurado em suas dimensões intangíveis. No que se refere ao patrimônio imaterial, diz respeito às práticas e domínios de saberes, ofícios, valores e a diferentes formas de expressão que compõem a vida social do povo sertanejo. Portanto, os rezadeiros(a) ou benzedeiros(a) estão presentes nos costumes tradicionais da religiosidade brasileira e têm sido identificadas como detentoras de saberes e por seu ofício apreendidos e aprendidos por meio de transmissão oral.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas:



Filarmônica em apresentação na festa de agosto. Fonte:
<https://www.facebook.com/filarmonicamaestroluciodantas/>

A Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas tem como principal objetivo resgatar os laços culturais populares esquecidos por falta de esclarecimento ao longo dos últimos anos, levando suas músicas aos lares acarienses e de demais localidades do Estado.

A Associação Cultural Maestro Felinto Lúcio Dantas foi fundada em 05 de dezembro de 1987, e é mantida por doações mensais de 99 sócios atuais e nesses quase 24 anos, orgulha a cidade com trabalhos sociais e projetos de incentivos a cultura onde concentra suas atividades privilegiando a educação e formação cultural das crianças da comunidade, afastando-as do mundo da violência e das drogas. A sede está situada à Rua Cipriano Pereira, 02, Acari -RN. A referida instituição é privada e filantrópica, funcionando nos turnos da manhã, tarde e noite.

Com relação aos recursos humanos a Associação dispõe de Presidente, Vice-Presidente, Secretária, Diretora Financeira, Diretor Cultural, Diretora Social e um Conselho Fiscal (composto por quatro pessoas) e um Maestro que é responsável pela Banda de música. É uma sociedade cultural, com sede e foro na cidade de Acari - RN.

A denominação da entidade é uma homenagem ao Músico, Compositor e Maestro Felinto Lúcio Dantas, com reconhecimento ao extraordinário trabalho desenvolvido em favor da arte musical do nosso estado, com expansão no cenário internacional que inclui composições executadas até hoje no Vaticano, e em outras partes o mundo.

A Associação Cultural Maestro Felinto Lúcio Dantas, mantém a Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas, esta fundada em 15 de dezembro de 1987. A Banda de música atualmente, está com 44 componentes. Também temos uma escola de música, mantida pela Associação, que está formando músicos de todas as idades. As aulas são ministradas pelo maestro da Banda.

Geralmente as matrículas da escola de música são realizadas no mês de janeiro de cada ano e as aulas obedecem ao mesmo período letivo das escolas públicas, igualmente funciona na referida sede.

Quanto as apresentações, são realizadas mais ou menos 60 por ano, contamos também com o projeto polícia mirim, onde a Associação formou parceria com alguns policiais, criando o "Pelotão Esperança", composto por crianças, e tem por finalidade resgatar de forma dinâmica e criativa a autoestima, a dignidade, a noção de direitos e deveres e a cidadania das crianças e adolescentes.

No ano de 2007, a Filarmônica gravou seu primeiro CD, com um repertório de músicas regionais e também de renome internacional, com músicas de compositores seridoenses como, Felinto Lúcio Dantas, Tonheca Dantas, Maestro Pinta, Márcio Dantas e José Francisco da Silva Neto (Netinho). O CD foi lançado em um dia 05 de agosto, abertura da festa da Padroeira local, e teve a presença da Orquestra Sinfônica do RN. E no ano seguinte (2008), tem o privilégio de gravar o seu primeiro DVD, que conta com um repertório bem diversificado e popular, o DVD foi feito em três dias e em diversos pontos da turísticos da cidade, mostrando tanto a beleza musical da terra como também sua beleza natural. O DVD foi lançado no período da Festa da Padroeira Nossa Senhora Da Guia, celebrada de 05 a 15 de agosto de todos os anos.

Durante oito anos de atividade, a Filarmônica foi regida por Francisco das Chagas Silva, o famoso "Mestre Pinta". Em 1995, após seu falecimento, o seu filho José Francisco da Silva Neto (Netinho), assumiu como maestro da Filarmônica.

A Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas abrilhanta todos os anos o novenário da festa de Nossa Senhora Da Guia, em Acari. Em Natal, a Filarmônica abrilhanta a festa de São João Batista, realizada no bairro de Lagoa Seca, e em Parnamirim, a Festa do Boi, todos os anos, e sempre faz apresentações no Restaurante Camarões. Em todos esses anos a Filarmônica já se apresentou em diversas cidades, encontro de bandas em Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó, Jardim de Piranhas, Parelhas, e Campo Grande. Apresentou-se também nas cidades Paraibanas de Cuité, Picuí, Pocinhos, e em demais cidades do Rio Grande do Norte como Cerro Cora, São Vicente, Currais Novos, Caicó, entre outras.

Disponível em : <http://filarmonicafelintolucio.blogspot.com/p/instituicao.html> acesso em 15 de março as 10hrs e 20m.

Coral Amália Rodrigues de Carvalho:



Coral Amália Rodrigues de Carvalho na festa de Nossa Senhora Da Guia.

Foto: Deise Sá, 2022.

O Coral Amália Rodrigues de Carvalho remonta ao antigo grupo de cânticos das cantoras do senhor Felinto, eram chamadas assim, pois cantavam junto ao maestro Felinto Lúcio Dantas. O maestro atuou como regente na matriz de Nossa Senhora da Guia por volta de meados do século XX, compondo músicas sacras que até os dias atuais são cantadas, principalmente em celebrações festivas. Suas composições são tocadas até no vaticano, como por exemplo o Pai Nosso Tradicional.

Sua atual formação data do ano de 1993, por sugestão do coralista Chaguinha de Pilóia e acatada pelo Padre Deóclides de Britto Diniz e a própria patrona ainda viva na época. O grupo teve como primeira coordenadora Maria Inês (Bibi). Até os dias de hoje atua nas missas dominicais e na festa da padroeira, valorizando as músicas sacras antigas compostas por Felinto Lúcio Dantas.

Atualmente todos os membros do coral prestam serviço voluntário, sem qualquer vínculo trabalhista ou remuneração. As vozes são acompanhadas por teclado em celebrações dominicais, e em momentos festivos e celebrações importantes com acompanhamento de orquestra e maestro, somando uma equipe de cerca de 35 integrantes.

O Coral Amália Rodrigues segue um estatuto com encontros bimestrais, visando a preparação espiritual dos membros e a organização para bem cantar as missas. O grupo é dirigido

por um coordenador, vice coordenador, tesoureiro e orientador espiritual. Além do mais está em plena sintonia com o pároco para que os cânticos estejam sempre de acordo com a liturgia.

O Coral também canta em celebrações festivas em outras cidades do Seridó, como festas de padroeiro e casamento, sempre que é convidado. Isso se dá pela peculiaridade que só esse grupo tem, a valorização e execução de cânticos em latim e gregoriano. Em outros grupos de cânticos na nossa região é difícil executarem e cantarem músicas nos estilos mencionados.

O coral Amália Rodrigues de Carvalho já é tido como um grupo cultural da cidade de Acari. No ano de 2018 gravou um documentário com depoimentos e músicas valorizando a música sacra da nossa região do Seridó.

O coral possui página no *Youtube* e página no *Facebook*.

Texto por: Adriano Campelo da Silva

Historiador

Tradição do Vaqueiro:



Vaqueiros em frente a vila dona Mariana.

Acervo: Natércia Galvão.

Com o processo de colonização e ocupação se deu o povoamento de novos habitantes que foram instalando sua caiçarinhas “pequenos currais”, dando o surgimento as Fazendas de criar gado. Ali o homem sertanejo já no século XVIII, e mais precisamente no século XIX com o criatório do gado passou a reproduzir e imprimir seus símbolos e registrar uma cadeia de fenômenos que constituíam a riqueza imaterial e material com sua permanência. Momento este de interação e desenvolvimento do imaginário cultural, condicionando, porém, as particularidades históricas que mais tarde lhes conferiram uma série de características próprias, expondo a diversidade do ambiente de formação cotidiana.

Com o advento das práticas econômicas o vaqueiro recebe como herança cultural a determinação do individualismo, atribui-se a noção de independência, de improvisação, de autonomia, de livre arbítrio, de relações pessoais mais presentes e afetivas. Sua riqueza cultural vai além da construção do casario onde predominavam as relações de poder nos espaços domésticos e não domésticos. A casa-grande da Fazenda de tantos quartos e salas, mantém-se preservada até os dias atuais graças à força imprescindível sustentada pelos princípios e hábitos passados de geração a geração.

A alimentação do vaqueiro é germinada no seio da caatinga sendo fácil de ser conduzida na bruaca de couro “a paçoca” no pilão, o queijo do sertão, o pedaço de rapadura. Na culinária a diversidade de sabores e gostos apetitosos garante ao vaqueiro uma vida mais saudável. Contudo, a tradição histórica e cultural do vaqueiro constitui-se no pilar do fazer sertanejo, baseia-se e projeta-se nos discursos e no folclore regionalista da literatura de cordel, dia Durval Muniz: “os cordéis de diferentes momentos mostra o nordestino como uma figura viril, valente

e violenta, permeando a violência nas relações de gênero”, que das danças, da cavalgada, pega de boi no mato, corrida de mourão, na argolinha e da vaquejada tudo se resume numa grande festa das mais tradicionais no ciclo do gado nordestino.

Do aboio, para José de Alencar “o aboiar de nossos vaqueiros, área tocante e maviosa com que eles no pôr-do-sol tangem o gado para o curral... Quem tirasse por solfa esses improvisos musicais, soltos à brisa vespertina, houvera composto o mais sublime dos hinos à saudade”. Na tradição do vaqueiro o aboio resiste até os dias atuais. Respiram incansavelmente essa expressão cultural tão peculiar no universo do vaqueiro. Esse “lamento” poético é um símbolo literário na cultura nordestina. É a maneira mais tradicional de mostrar a rusticidade e manter viva a chama da relação entre o vaqueiro e o gado. Perpetua-se em versos e prosas, nas histórias e estórias de num passado que jamais deverá ser esquecido. Se eternizam em poesia infinita, sob forma de aboios e improvisação de versos, perpetuando os momentos de glória dos heróis da caatinga.

Do vaqueiro segundo Euclides da Cunha em *Os Sertões*, “o vaqueiro das caatingas tem um aspecto que recorda vagamente à primeira vista, o do guerreiro antigo exausto da refrega. Seu vestuário o protege dos espinhos da caatinga quando da perseguição aos animais”. Um legítimo dom Quixote esboçado na literatura. Seu chapéu de couro o identifica na vida cotidiana (cantador e poeta, do violeiro e batedor de emboladas, do curador de rastro), são figuras que personificam nosso vaqueiro. Na vida diária se desdobra como um herói da festa de apartação, da ferra do gado, da tirada do leite, do banho de açude, da cacimba, da junta de boi, da queima do xique-xique, da festa junina, do quebrar do milho, da apanha do feijão pratos típicos que o sustentam diariamente.

A pega de boi no mato é uma prática recorrente na caatinga nordestina e se caracteriza de um modo geral, pela atuação do vaqueiro na derrubada do gado existente desde meados do século XIX e contemporaneamente ameaçada de extinção na maior parte do sertão nordestino, ou já desapareceram de lá. A tradição do vaqueiro na pega de boi no mato é uma atração cultural que atrai o sertanejo e reforça a sua identidade territorial, refletindo o seu cotidiano e o seu espaço vivido, no qual através de políticas públicas estão atraindo turistas para região.

Na tradição cultural como herança revelam que os vaqueiros têm um saber apreendido à medida que exercem seus ofícios e fazem uso de plantas da própria caatinga, animais e outros recursos para tratar suas lesões e ferimentos, bem como dos animais que se machucam durante a pega do boi. Nesse universo em busca da cura se utiliza muito a jurema, marmeleiro, jucá. Já a banha de cágado, raposa, tejuçu são cicatrizantes naturais. É possível perceber que o ofício de vaqueiro ainda é muito presente e bastante representativo região do Seridó e em todo o Nordeste do Brasil.

O sertão raiz do Seridó tem seu próprio tempo. O sertão que não abriga mais o tocar do “buzo”, em inúmeros recantos e paisagens secas. A tradição de tocar o “Buzo” literalmente está reverenciada nas fazendas de gado cujo instrumento de comunicação servia para avisar aos vaqueiros o momento da refeição, principalmente a hora do almoço. A tocada também servia para chamar o gado, dando comando para o rebanho se dirigir a manga de beber água no açude. Esse costume representa uma ruptura desse sertão estereotipado, que, em verdade, não é seco, é fluido; que não é árido, é fértil, inventivo e inovador. No sertão raiz do Seridó têm registros marcantes do aboio, e do buzo na tradição do vaqueiro.

A figura do vaqueiro, cantada em verso e prosa, representa para além da tradição um ícone da conquista dos sertões nordestinos. Homem forte que desbravou as áridas terras e vegetação da caatinga à procura do gado que se perdia nos sertões durante as corridas de mourão. Associada à figura do vaqueiro, tem-se as competições de vaquejadas, pega de boi no mato, cavalgada, argolinha e outras práticas culturais destacadas na região Nordeste do Brasil. Tais práticas se modificaram ao longo do tempo, contudo, o vaqueiro ainda representa esta identidade para a região.

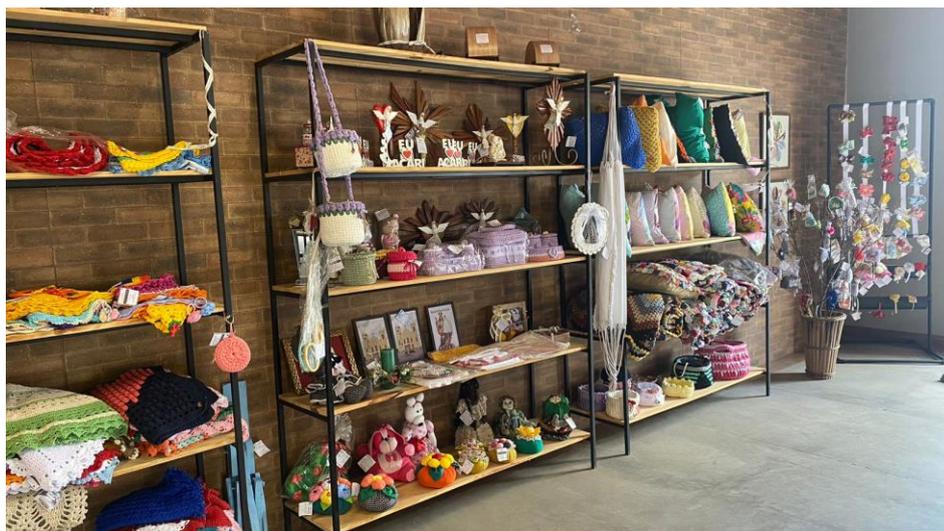
Considerando abordagens etnográficas, ao longo do tempo de geração a geração identifica-se no saber dos vaqueiros quais recursos foram e são normalmente utilizados para tratamento dos animais e dos próprios vaqueiros quando estes sofrem lesões ao se exporem à vegetação seca com espinhos. O vaqueiro é a mola mestra de uma das atividades econômicas mais notáveis no território brasileiro, a pecuária. Essa cultura está espalhada por todo o território nacional, e em cada recanto se expressa com suas peculiaridades nas adaptações locais.

Por fim, Jean Baechler nos reafirma com sua interpretação sobre a extinção da figura do vaqueiro “nada se sabe de uma instituição social, nada se entende de uma sociedade, na medida em que não se tenha detectado e analisado o que a nega”. Portanto, os próprios fenômenos que parecem negar a vida social do vaqueiro, participam na verdade de sua própria estruturação. Logo, os agentes do fazer e do viver sertanejo aqui na figura do vaqueiro, encontram-se na história e no imaginário, onde a interação destes elementos se estrutura nas relações de gênero, de poder e da identidade cultural do homem sertanejo.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Artesanato:



Artesanato diversos de artesãs acarienses no salão do artesanato.

Foto: Adriano Campelo, 2023.

O Artesanato de Acari é marcado por trabalhos de eximas mãos habilidosas que com seus instrumentos fazem tramas minuciosos em seus trabalhos. O crochê, costura e bordado foram herança de longas datas no qual as mulheres prendadas desenvolviam seus dotes para a guarnição de suas casas e de suas famílias.

Essas tradições foram mudando e com o passar do tempo foram se adaptando à moda. As louças confeccionadas por louceiras na sua maioria mulheres negras eram usadas nas pequenas e grandes casas de fazenda e da vila do Acari, assim como a renda que desenvolvida nos tempos áureos do algodão se perdeu com as suas artesãs com seus modos e fazeres e já não mais se passava o aprendizado de geração para geração, pois o modernismo exigia e oferecia outras dinâmicas.

O couro, a fibra de palha e tantos outros materiais são transformados em arte. E em falar em artesanato não podemos deixar de citar o mestre Ambrósio e a arte sacra em madeira, Manoel Gerônimo com sua imaginação intuitiva confeccionava brinquedos e carrinhos para a alegria da garotada, Dimas (in memoriam) da pedra trabalhada belas esculturas criava.

Assim como outros artesões que anônimos ou não fazem da matéria prima objetos que são puras obras de arte que comercializado em ateliês particulares ou mesmo no mais novo espaço de arte e cultura da cidade, o Salão de Artesanato são marcas que caracterizam a arte de um povo.

Texto por: Lúcia Araújo Dantas da Silva
Historiadora

Parte 5 – PATRIMÔNIO NATURAL

Sítios Arqueológicos:

O Rio Grande do Norte conta com uma importante área arqueológica, que se localiza no interior. Esta microrregião sertaneja situa-se no vale do rio Seridó. E é referência por contar com dois sítios arqueológicos muito importantes para os estudos em arqueologia, anteriormente pesquisados. Eles forneceram datações a restos de corpos humanos, enterrados com cerca de 9.410 anos, é o caso do sítio arqueológico Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas/RN e o sítio arqueológico Mirador em Parelhas/RN. A região também conta com a existência de uma variedade de grafismos rupestres identificados por três tradições gráficas: Tradição Nordeste, Agreste e a Itacoatiara, estudadas e definidas por Gabriela Martin.



Sítio arqueológico Casa de Pedra – Abreu.

Foto: Nelder Medeiros, 2019.

O primeiro seridoense a registrar as pinturas e gravuras rupestres foi José de Azevedo Dantas, nascido em 1890 no sítio Xique-xique há quatro quilômetros do povoado Carnaúba, que na época ainda era município de Acari. Registrou muitos sítios arqueológicos, desenhando pinturas e gravuras rupestres que para ele eram feitas por uma civilização antiquíssima. No ano de 1924 ele registra as gravuras situadas ao longo do rio Acauã até a desembocadura do Açude Marechal Dutra (Gargalheiras) onde ali tinham iniciado a construção da barragem. Sua atitude

em registrar as gravuras no Rio Acauã foi muito importante, tendo em vista que algumas hoje se mantem submersas em alguns trechos. Ele registrou também gravuras e pinturas no sítio Canoas e Caiçarina (uma parte), e em 1927 visitou o sítio cacimbinhas (lajedos do mulunguzinho), sítios pertencentes hoje aos limites do município de Acari.

É neste período, que os primeiros sítios arqueológicos presentes no município de Acari são “registrados”, o próprio José de Azevedo Dantas reconhece que os registros não foram descobertos por ele, que pessoas mais antigas de sua região já mencionavam a existência dessas “letras” e “figuras”.



Sítio arqueológico lajedo do Mulunguzinho (Cacimbinhas) – com gravuras na rocha.

Foto: Adriano Campelo, 2022.

Na área que hoje é inundada pelas águas do açude Gargalheiras encontra-se um sítio com pinturas quase extintas da tradição Nordeste e da tradição Agreste, que não tinham sido registradas até o momento, assim como outros sítios que chegaram ao nosso conhecimento por informações de caçadores e moradores próximos a essas localidades.

Além dos sítios com pinturas e gravuras, podemos registrar achados arqueológicos da cultura material desses povos, os mais frequentes são os materiais líticos, que conservaram se ao longo de milhares de anos, podendo nos fornecer informações importantes sobre essa tecnologia usada por estes homens primitivos em seu cotidiano.



Pinturas rupestres da tradição Nordeste, subtradição Seridó. Sítio arqueológico Sítio Arqueológico Volta do Rio. (Lagoa de Macaguá). Foto: Adriano Campelo, 2017.

Assim como os líticos temos com muita frequência também a cerâmica, que se preserva muito bem, por serem feitos de barro cozido, embora que o uso da cerâmica seja bem mais recente que as pedras lascadas. Em visitas aos sítios registrou-se fragmentos de cerâmica associadas as fogueiras, além de algumas descontextualizadas, embora que muito suspeitas devido a sua forma.

Diante dos registros fotográficos dos painéis com pinturas e gravuras, dos achados de materiais líticos, cerâmicos e de estruturas de combustão, pode-se catalogar os sítios existentes no município de Acari. Com o intuito de contribuir para as futuras pesquisas arqueológicas e estudantes da área de história que trabalham esses espaços, e também para se perceber os caminhos que eram em épocas remotas fluxo desses grupos caçadores coletores dentro dos atuais limites do município de Acari. Vejamos a lista de alguns dos principais sítios arqueológicos em nosso município:

Sítio Arqueológico Volta do Rio (Lagoa de Macaguá)

Sítio Arqueológico Cabeço Branco (Pedra da Bota)

Sítio Arqueológico Acauã

Sítio Arqueológico Bulhões

Sítio Arqueológico Riacho da Quixába

Sítio Arqueológico Serra do Abreu

Sítio Arqueológico Poço do Saturno

Sítio Arqueológico Poço do Arthur 1

Sítio Arqueológico Poço do Arthur 2

Sítio Arqueológico Acari (Riacho da Juliana)

Sítio Arqueológico Caiçarinha

Sítio Arqueológico Canoas

Sítio Arqueológico Grossos

Sítio Arqueológico Furna da Onça (Picos de Cima)

Sítio Arqueológico Cai Peixe (Barra da Carnaúba)

Sítio Arqueológico Pinturas

Sítio Arqueológico Acauã dos Dantas

Sítio Arqueológico Lajedo do Mulunguzinho (Cacimbinhas)

Sítio Arqueológico Casa de Pedra

Sítio Arqueológico Abreu

Texto por: Adriano Campelo da Silva

Historiador

SERRAS

Serra do Bico da Arara:



Bico da Arara.

Foto: Bily, 2019.

Todos os anos andorinhões de coleira falha invadem os céus do Seridó, repetindo um ritual de sobrevivência que tem deixado várias interrogações à população local e aos pesquisadores. A partir de março, eles chegaram aos milhares e instalam-se em uma fuma rochosa, na Serra do Bico da Arara e na serra do Pai Pedro. Os pesquisadores ainda não sabem de onde eles vêm, para onde migram e onde fazem seus ninhos para a reprodução.

Conhecidos pelos naturalistas como andorinhões de coleira-falha, sendo maior que as andorinhas de igreja, costumam voar em bandos, fazendo uma coreografia própria de voo. Os bandos de andorinhões chegam sobre a Serra, voando a uma altura considerável, parecendo pequenos pontos negros no céu, voam em círculos cada vez mais baixos, até que um grupo se destaca e mergulha em direção à entrada da serra. A agilidade dos voos é testada pelos seus predadores naturais o Gavião pé de serra, que tentam caçar os andorinhões no momento em que voltam à fuma. Os estudos apresentados até o momento referem-se apenas aos Andorinhões da Serra do Bico da Arara.

“Mas, mistério persiste. A cerca de 8 km de Acari, seguindo-se pela rodovia que dá acesso a Jardim do Seridó, a BR 427, logo após a ponte sobreo Rio Ingá, dobra-se à esquerda, em uma estrada carroçável. Após 3 km, aproximadamente, avista-se o Bico da Arara, cujo nome vem de uma formação rochosa que lembra o formato do bico dessa ave, ponto culminante de Acari,

com 654m de altitude. Ai dormem os andorinhões, de março a setembro de cada ano. Altaneiras, continuam a desafiar curiosos e pesquisadores, através da seguinte questão: de onde vêm e para onde vão os andorinhões da Serra do Bico da Arara? ”

Texto por; Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra da Acauã:



Serra da Acauã.

Foto: Adriano Campelo, 2013.

É uma formação montanhosa situada em Acari no Seridó Potiguar, onde está localizado o divisor de água que abastece o rio Acauã. Trata se de um maciço serrano localizado entre os municípios de Acari e Currais Novos. Consiste num complexo serrano que compreende uma área bem localizada. É de interesse turístico e paisagístico. Está inserida no bioma Caatinga. Além de seu relevo acidentado (muitas encostas e escarpas) com um topo íngreme e acidentado. De valor histórico cultural se destaca pela presença indígena, uma vez que, o local serviu de contraforte para a Nação Tapuia se proteger do colonizador português. Os índios Tarairiú travaram uma grande batalha no seu território resistindo à presença do homem branco europeu. Considerado na época o maior morticínio indígena na região do Seridó.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turism

Pico Gargalheiras/Serra das Cruzes:



Serra das Cruzes, gargalheiras.

Foto: Adriano Campelo, 2021.

O Pico Gargalheiras ou Serra das Cruzes é um contraforte montanhoso localizado no centro do município de Acari. A serra do Pico ou das Cruzes está paralela à construção do Açude Gargalheiras, servindo de abertura para a passagem do rio Acauã. O seu nome vem de uma enorme rocha granítica semelhante ao Pão de Açúcar ou tão somente no formato de um vulcão e de maiores proporções talvez, que se eleva da chapada da serra.

A serra situa-se a cerca de 04km à nascente da sede municipal e de seu topo pode-se vislumbrar uma das mais belas vistas do município, já que de lá alcança sem lentes desde todo o espelho da bacia do Açude Gargalheiras até paisagem da depressão sertaneja da Ribeira da Acauã. Com altitude aproximadamente de quase 550m no ponto mais alto, a serra do Pico Gargalheira ou das Cruzes é considerada uma elevação residual da Chapada da Borborema.

Sua área é propícia à prática do ecoturismo, turismo de aventura e aos esportes radicais como rapel, escalada, tirolesa etc. As trilhas em seus paredões de rocha, presentes em quase

toda a sua extensão, são um convite aos praticantes de tais esportes. A região parece também propícia à prática de voo livre, ainda a ser explorado turisticamente.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra do Minador:



Mirante/abrigo na serra do Minador.

Foto: Flávio Medeiros, 2017.

A serra do Minador é um contraforte do planalto da Borborema situado na região do Seridó no município de Acari, no Rio Grande do Norte. Tal elevação, que se estende no sentido nordeste pelo município de Acari, serve de patrimônio natural uma vez que foi criada a RPPN do Minador.

Seu topo se caracteriza pela forma aplainada, com platôs erodidos pelo tempo em quase toda sua extensão, cuja parte mais elevada chega a quase 500m em relação ao nível do mar. As encostas desse serrote ainda guardam algumas áreas propícias ao ecoturismo e aos esportes de aventura. As trilhas e paredões de rocha, presentes em quase toda a sua extensão, são um convite aos praticantes de tais esportes.

Sua biodiversidade é de interesse científico. Assim como as demais serras da região, a serra do Minador sofre muito com a presença da prática do turismo sem profissionalismo e de maneira indiscriminada. Apesar de possuir uma forte deficiência hídrica, a região, que apresenta vegetação de caatinga, conta com a diversidade florística arbustiva e arbórea bastante alta, fruto da interação de um conjunto de fatores locais associados ao clima, à altitude e às formas do relevo.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra de Lagoa Seca:



Serra de Lagoa Seca ou da Telern.

Foto: Adriano Campelo, 2013.

Uma cadeia de serras circunda o município, dando à cidade o título de “Terra das Cordilheiras”, pelas suas riquezas específicas. A Serra de Lagoa Seca, popularmente conhecida por Serra da TELERN, é um dos atrativos que compõe o patrimônio natural de Acari. Localiza-se na área rural, sentido norte, com 600m de altitude, distante cerca de 09 km do centro da cidade, tendo como via de acesso a BR-427, em direção ao município de Currais Novos. Exibe as torres de telefonia celular e torres de captação de sinais de televisão.

Encontra-se na depressão sertaneja, caracterizando-se pelo prolongamento das partes altas do Planalto da Borborema e Chapada do Apodi. Apresenta terrenos baixos e uma superfície montanhosa e ondulada de embasamento cristalino, com abrangência de rochas pré-cambrianas, sendo de maior evidência os granitos e os gnaisses, além dos quartzitos cortados por veios de quartzo e pegmatitos mineralizados.

Essa serra abriga um rico ecossistema, bastante diversificado, cuja biodiversidade envolve inúmeras espécies da fauna e avifauna terrestre, fruteiras, ervas medicinais e uma vegetação típica da caatinga. Possui uma beleza paisagística expressiva e uma riqueza mineral a ser pesquisada e corretamente aproveitada. Sua relevância histórica está ligada ao processo de crescimento econômico, uma vez que, em épocas anteriores, o algodão ocupava quase que totalmente sua área em virtude do cultivo da variedade mocó ou Seridó.

Várias atividades esportivas podem ali ser desenvolvidas e exploradas, desde pequenas caminhadas com fins científicos ou de lazer, como: trilhas, que devem ser planejadas de acordo com os objetivos dos visitantes e, principalmente, obedecendo à capacidade de carga ou suporte do meio. Outras práticas esportivas, como corridas de aventura, rapel, montanhismo tornam-se atrações variadas de lazer e diversão. Nas proximidades das torres, um imenso afloramento rochoso desponta na superfície, formando um belíssimo local propício à prática de acampamento, de onde se pode observar o leito do rio Acauã e, ao redor, as inúmeras elevações rochosas, como: Serra da Acauã, Serra da Timbaúba ou Puridade, o paredão rochoso da Serra do Pai Pedro, Serra do Minador e o Pico Gargalheiras, mais conhecido como serra das Cruzes.

No topo da Serra de Lagoa Seca uma visão panorâmica desponta no infinito. Pode-se apreciar o espelho d'água da bacia do Gargalheiras, os contornos das ilhotas, as luzes de cidades circunvizinhas como Currais Novos e Cruzeta e as Serras da Rajada, Picos de Cima, entre outras paisagens. Basta o olhar singular refletir ao longe e dá formas e significados ao cenário sertanejo.

Esse atrativo era considerado a serra predileta dos caçadores, amantes da noite-de-lua, aventureiros da escuridão. Segundo as lendas, os caçadores carregam consigo um pedaço de fumo, cachaça ou dente de alho em oferecimento à “caipora”. Esta, em noites de caçada, protege o caçador dos perigos e favorece a facilidade da caça aos cachorros ferozes. Imaginações e conversas de caçadores, fruto do folclore brasileiro, histórias de trancoso, inspiram artistas e imortalizam-se em versos de Oswaldo Lamartine: “Tem noite que a caipora quer ir brincar influída, corre adiante dos cachorros, onde quer, fica escondida; os cães pegam a uivar a caçada está perdida”.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra do Pai Pedro:



Serra do Pai Pedro vista do Cabeço Branco.

Foto: Adriano Campelo, 2021.

Situa-se no município de Acari, cerca de 210 km de Natal, no Rio Grande do Norte. É constituída de granito maciço e apresenta o formato de um paredão rochoso que serve de abrigo natural em suas grutas para os andorinhões de coleira falha. É de interesse turístico, paisagístico e científico. Nela se localiza a unidade de conservação RPPN SER NATIVO (Poeta José Gonçalves). Enquanto monumento faz parte do patrimônio natural. Com área extensa, tem como objetivo preservar o ecossistema natural de relevância ecológica para o município.

A área foi escolhida pela importância da Gruta dos Andorinhões, ponto mais alto da serra e o local é bastante procurado por visitantes, turistas e aventureiros da prática do turismo de aventura e até mesmo de regiões mais distantes. De acordo com a prática de trilhas é perceptível a presença de espécies ameaçadas de extinção e outras que só são encontradas no território e no bioma Caatinga além do tipo de fitofisionomia da Serra do Pai Pedro, com a ocorrência da presença dos andorinhões, já justificaria a criação da unidade de conservação.

Essa serra proporciona uma visão panorâmica do Vale da Acauã. Em se tratando de beleza, esta é considerada um dos pontos pitorescos que dá inveja aos olhos de quem ainda não

conhece. Partindo de uma nova descoberta, enfatizamos que existe a gruta onde os andorinhões de coleira falha se abrigam, desfazendo a possibilidade de apenas existir os andorinhões na Serra do Bico da Arara. Vale enfatizar que estes andorinhões cruzam os horizontes longínquos e prefere o imenso rincão do Seridó, entre as furnas da Serra do Pai Pedro e da Serra do Bico da Arara, ambas localizadas no seio do município de Acari.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra da Timbaúba:



Serra da Timbaúba vista do Sítio Novo - no ‘pé da serra’ de Lagoa seca.

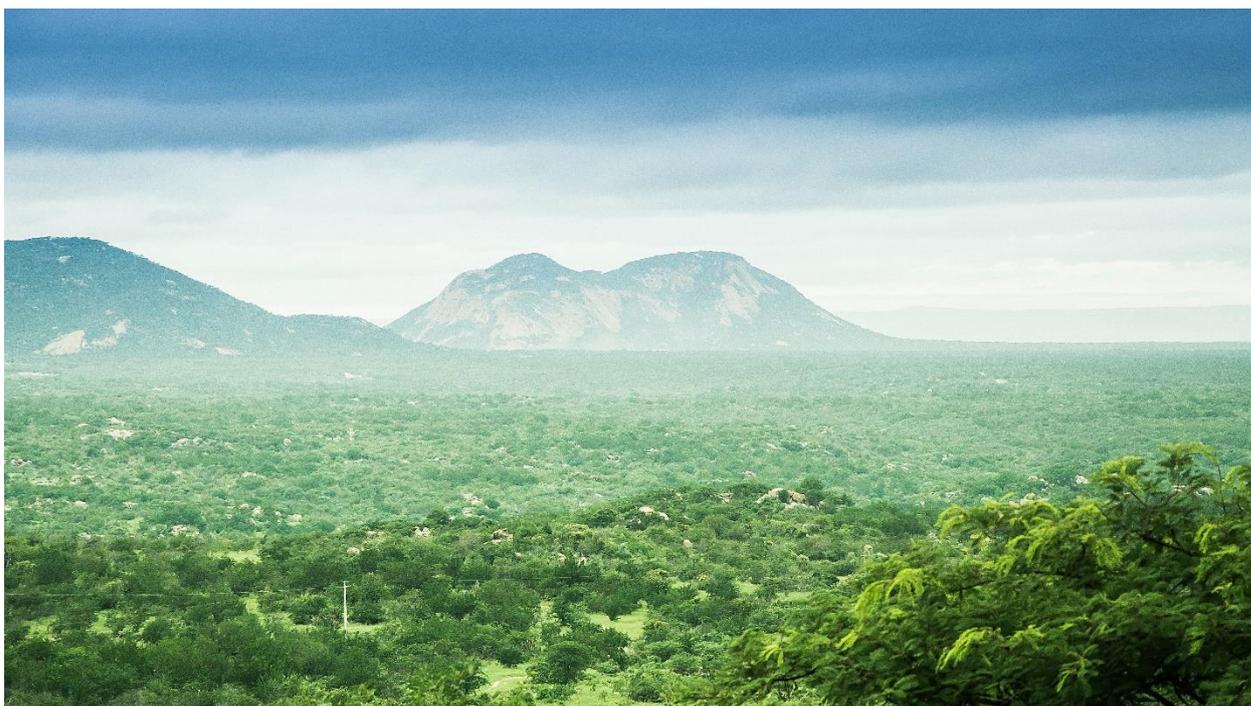
Foto: Adriano Campelo, 2013.

É um acidente geográfico localizado no município Acari, que serve de fronteira entre o município de Frei Martinho/PB. É bastante difundida no município e região, sendo um de seus maiores símbolos do relevo local. Bastante utilizada com a prática do criatório do gado. Serve de caminho para vaqueiros e tropeiros sendo visitada por todos que gostam de aventura.

Uma boa estação para visitar essa beleza natural é no período de inverno e a primavera do Seridó potiguar. A vegetação é remanescente do bioma caatinga com espécies arbóreas e arbustivas, cactáceas e bromélias. Tem uma vegetação de altitude exuberante. Esta serra apresenta em sua paisagem uma diversidade de ecossistemas (com formações vegetais florestais, avifauna e fauna).

Texto por: Sérgio Enilton da Silva
Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Serra da Rajada:



Serra da Rajada.

Foto: Flavio Medeiros, 2017.

Localizada próxima à entrada da cidade de Carnaúba dos Dantas, cerca de 4 km, destaca-se no relevo local como um imponente *inselberg*, podendo ser avistado à distância, com altura aproximadamente de 500m. Trata-se de um corpo granítico, com direção NE-SW, formado essencialmente por quartzo, feldspato, plagioclásio e biotita como minerais principais visíveis no geossítio.

O geossítio se destaca pelos enormes paredões convidativos para práticas do turismo de aventura, como rapel, escalada, montanhismo, trekking, entre outros, além da contemplação da paisagem em seu alto. O interesse deste geossítio, de valor regional/local, é o geomorfológico, turístico, paisagístico. De valor histórico cultural se destaca pela presença indígena, uma vez que, o local serviu de contraforte para a Nação Tapuia se proteger do colonizador português.

Os índios Tarairiú travaram uma grande batalha no seu território resistindo à presença do homem branco europeu. Considerado na época o maior morticínio indígena na região do Seridó. Diz à lenda que havia um carneiro de ouro, cujo príncipe de encantou. Em noites de lua cheia o carneiro sai em busca de uma pretendente para quebrar o feitiço nele cometido. As torres da serra da Rajada era o castelo encantado quando num raio luminoso o carneiro passa a noite vagando até o serrote dos Picos.

Texto por: Sérgio Enilton da Silva

Historiador, Pós-Graduado em Patrimônio Histórico Cultural e Turismo.

Parte 6 – GEOSSÍTIOS DO GEOPARQUE SERIDÓ

Cruzeiro Acari:



Cruzeiro Acari – Geossítio Mundial da UNESCO. Foto: Adriano Campelo, 2023.

Localizado no centro da cidade de Acari, em frente ao Museu do Sertanejo, este é um dos geossítios em menor extensão areal do Geoparque, mas representa um registro científico de importância, sendo utilizado como exemplo em aulas de campo dos cursos de geociências e áreas correlatas de diversas instituições universitárias nordestinas.

É formado por blocos de granitos inequigranulares, de granulometria média a grossa, essencialmente composto por cristais de K-feldspato de dimensões centimétricas, quartzo, plagioclásio, além de biotita, anfibólio, titanita, zircão, apatita e minerais opacos. Podem ser observados enclaves máficos de composição diorítica. A orientação dos cristais é evidência de um fluxo magmático. Em alguns blocos é possível verificar textura semelhante à rapakivi nos cristais de feldspato.

Regionalmente, o geossítio está inserido no contexto de uma fase porfírica do Granito de Acari, datada em 577 Ma. Possui um alto valor científico nacional, com interesse mineralógico e petrológico, essencialmente.

Poço do Arthur (do Arroz):



**Sítio arqueológico Poço do Arthur 2 (Geossítio mundial da UNESCO – Poço do Arroz).
Foto: Adriano Campelo, 2022.**

Localizado próximo ao centro urbano da cidade de Acari, é acessado por estrada de barro a partir de rodovia asfaltada que liga o município ao Geossítio Açude Gargalheiras. No geossítio ocorrem blocos de granito inequigranular, de granulometria média a grossa, compostos essencialmente por K-feldspato, quartzo, plagioclásio, além de biotita, titanita, zircão, apatita e minerais opacos. Está associado com o contexto do Granito de Acari, datado em 572 Ma. Ainda são encontrados na área diques de pegmatito cortando a litologia principal, estes são compostos por K-feldspato, quartzo, biotita e turmalina.

São elementos que compõem o geossítio as marmitas formadas por erosão fluvial, cuja força da intempérie foi dada pelo movimento do Rio Acauã, facilitada por conjuntos de estruturas de deformação frágil. A existência das marmitas foi facilitadora para que povos pré-históricos as utilizassem para fazer registros sob a forma de litogravuras, que se transformaram em um dos principais atrativos deste local. São diversas as formas e temas dos registros. Outro destaque do local é a sua beleza cênica, formada pelos processos erosivos e tectônicos na região.

Os interesses do geossítio, de valor nacional, são os geomorfológicos e os arqueológicos.

Disponível em: http://geoparqueserido.com.br/?page_id=7858 acesso em 16 de março as 08hrs20.

Açude Gargalheiras:



Açude Gargalheiras, (Geossítio mundial da UNESCO).

Foto: Adriano Campelo, 2020.

Localizado próximo à cidade de Acari, este geossítio compreende a área do entorno do Açude Gargalheiras, quarto maior reservatório do Rio Grande do Norte e construído na década de 1950 com o aproveitamento das características geomorfológicas das serras das Cruzes e do Pai Pedro, principalmente.

Geologicamente, são encontrados no local granitos inequigranulares e equigranulares de granulometria média. São compostos, essencialmente, por K-feldspato, quartzo, plagioclásio, além de micas (biotita e muscovita), apatita, zircão, titanita, allanita e minerais opacos. São

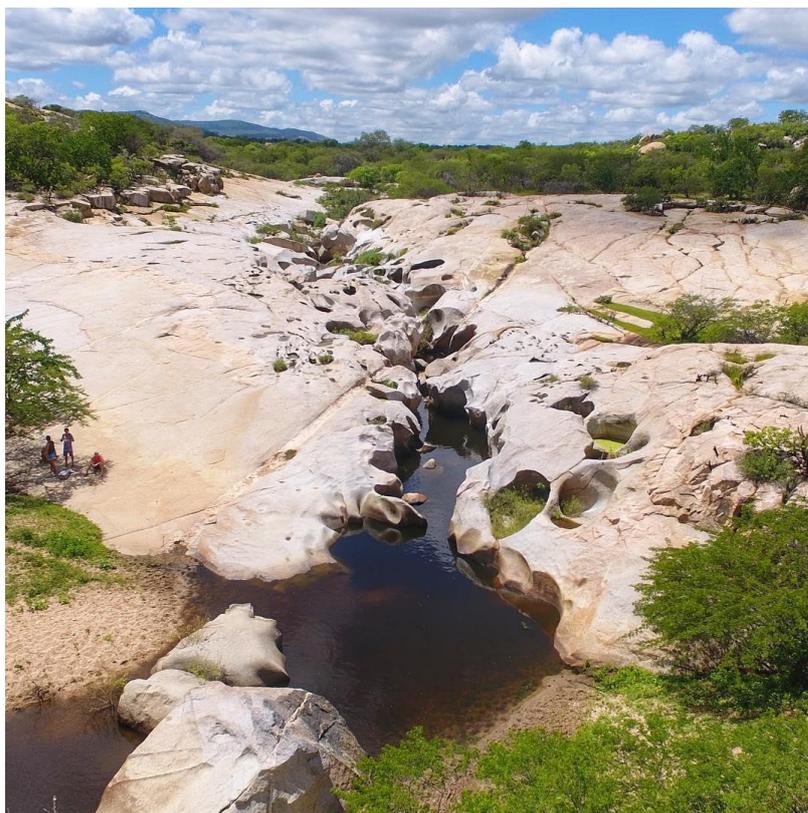
corpos relacionados às Suítes Intrusivas Itaporanga e Dona Inês, no Batólito de Acari, datados em 572 Ma.

O relevo das serras, cortado pelo Rio Acauã, forma o gargalo (Gargalheiras) que foi aproveitado no barramento das águas fluviais para o abastecimento da região neste que é o principal açude da região Seridó potiguar. Ainda hoje existe uma comunidade remanescente da época da construção da barragem, quando foi construída uma pequena vila para os trabalhadores. Recentemente, o local foi utilizado nas filmagens do filme “Bacurau”.

Os interesses principais do geossítio são o geomorfológico, o hidrológico e o petrológico. Pode-se elencar um valor nacional para o local.

Disponível em: http://geoparqueserido.com.br/?page_id=7850 acesso em 16 de março as 08hrs22.

Marmitas do Rio Carnaúba:



Marmitas do Rio Carnaúba (Cai-Peixe), comunidade Beira do Rio. (Geossítio mundial da UNESCO). Foto: Ivelito Cabral, 2019.

Este geossítio está localizado ao longo do leito do rio Carnaúba, distante 8,5 km, em linha reta SW, do centro da cidade de Acari. O acesso ao local é feito por estradas largas de barro. É

formado por granitos inequigranulares de granulometria média a grossa, essencialmente compostos por K-feldspato, quartzo, plagioclásio, além de biotita, titanita, zircão, apatita e minerais opacos. A rocha está associada com a Suíte Intrusiva Itaporanga (Granito Acari), datada em 572 Ma.

Cortando a rocha, existem diversos diques graníticos, de granulometria mais fina que o corpo granítico principal, e diques de pegmatito, estes compostos por K-feldspato, quartzo, minerais opacos, turmalina e berilo. São comuns no geossítio a ocorrência de estruturas frágeis de deformação de direção N-NE, como fraturas e falhas.

O principal destaque do local são as marmitas, de dimensões variadas, chegando a níveis métricos, num conjunto que se estende, principalmente, em um trecho de 800 m ao longo do leito do rio. A formação dessa feição pela erosão fluvial foi essencial para a inscrição na rocha de litogravuras por povos antigos, com diversas formas geométricas, de forma semelhante ao que foi feito no Geossítio Poço do Arroz. Os interesses principais são geomorfológico, hidrológico e arqueológico, de valor nacional.

Disponível em : http://geoparqueserido.com.br/?page_id=7848 acesso em 16 de março as 08hrs29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho sobre educação patrimonial muito vem contribuir com o ensino da história local, e mais importante ainda despertar o sentimento de valorização e de pertencimento. Dessa forma, nos sentimos muito satisfeitos e felizes em contribuir na produção desse material, pois fica em nós a esperança de que essas crianças e jovens estudantes acarienses se tornarão adultos conscientes, conhecedores e guardiões do nosso patrimônio.

A história e o patrimônio de Acari é rica e grandiosa, como por exemplo, vemos aqui nesse material 08 locais/lugares que se tornaram patrimônio mundial, nacional e estadual. Esse acervo não é qualquer municipal que detém de tamanha dádiva. Cabe a todos nós conhecermos, valorizarmos e preservarmos.

Essas ações nos proporcionam a cada ano, junto as crianças e jovens, desenvolvermos atividades que despertem neles o conhecimento, para que a partir disso, venha todo o reconhecimento e proteção. Um trabalho a longo prazo e que de forma continuada leve a educação patrimonial a todas as escolas no município de Acari.

O Museu Histórico de Acari é a grande arma em favor da preservação do patrimônio material, imaterial e natural. Firmamos compromisso em trabalhar em favor da cultura do nosso município.

Equipe do Museu Histórico de Acari.

DEUS SEJA LOUVADO!